
3 1761 06557061 6

COLECÇÃO « SCIÊNCIA E RELIGIÃO »

XCVII

CONEGO J. AUGUSTO FERREIRA
ANTIGO PROFESSOR

ARCHEOLOGIA LITURGICA

ORIGEM DAS FESTAS CHRISTÃS



PÓVOA DE VARZIM
LIVRARIA POVOENSE — EDITORA
DE
JOSÉ PEREIRA DE CASTRO
Agente geral no Brasil — Livraria Salesiana Editora — S. Paulo

Collecção "SCIENCIA E RELIGIÃO,,

Publicação mensal

DIRECTOR: **Gomes dos Santos**

VOLUMES PUBLICADOS

1 — **Sciencia e Religião,** por F. Brunetière.
2 — **Historia social da Egreja,** por Ch. Billiet.
3 — **Impossibilidade do socialismo,** por V. Cathrein.
4 — **A Philosophia moderna,** por E. Mahon de Monaghan.
5 — **Darwinismo, monismo, transformismo,** pelo Padre Hamard.
6 — **Moralidade da doutrina evolutiva,** por F. Brunetière.
7 — **A Noção christã da democracia,** por F. Toniolo.
8 — **A Usura no tempo presente,** por E. Dehon.
9 — **Casamento e união livre,** por Jorge Fonsegrive.
10 — **A Resurreição de Christo perante a sciencia,** por Duplessy.
11 — **Os direitos do homem,** pelo P.e J. Brugerette.
12 — **A Condição dos operarios,** por Leão XIII.
13 — **Da duvida á fé,** pelo P.e F. Tournebize.
14 — **Vida e materia,** pelo P.e Th. Ortolan.
15 — **Principios de sociologia Catholica,** por A. Naudet.
16 — **A Arte e a Moral,** pelo P.e Sertillanges.
17 — **A Biblia e as theorias scientificas,** por B. Colomer.
18 — **A Inquisição,** por G. Romain.
19 — **O Espiritismo,** por A. Jeanniard du Dot.
20 — **O Problema da vida,** por C. Mano.
21 — **O Protestantismo,** por D. Prior Manuel d'Albuquerque.
22 — **O Catholicor peante a sciencia,** por Georges Fonsegrive.
23 — **Estudos biblicos,** por Lino Murillo.
24 — **As Razões de crer,** por F. Brunetière.
25 — **O Hypnotismo,** pelo Dr. Manoel Anaquim.
26 — **A Questão social,** por Biesa y Pueyo.
27 — **A Educação das mulheres,** por Mgr. Spalding.
28 — **Dialogos de hoje,** pelo prof. Bovier Lapierre.
29 — **O Catholicismo em Portugal,** por Gomes dos Santos.
30 — **O Espirito e a Carne,** por Henri Lasserre.
31 — **A Mulher,** por Joao Antunes.
32 — **Paginas de critica,** por Gomes dos Santos.
33 — **Questões sociaes,** por Fernando de Sousa.
34 — **O Pentateuco,** pelo abbade Broglie.
35 — **A Verdadeira Egreja de Christo,** por Dom Prio Manuel d'Albuquerque.
36 — **Principios de economia politica,** por Rubat d Mérac.

RCHEOLOGIA LITURGICA

ORIGEM DAS FESTAS CHRISTÃS

TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
RUA ELIAS GARCIA, 184 * PORTO * 1916

LIVRARIA POVOENSE EDITORA

Santa Lydwina de Schiedam, por Huysmans. Approvada pelos Ex.mos e Rev.mos Snrs. Arcebispo de Braga e Bispo do Porto. E' a mais extraordinaria vida de santa que se conhece, rescendendo por toda ella os mais extranhos e celestes effluvios d'uma existencia angelical. Um formoso vol. de 340 pag. com o retrato do auctor, brochado.. 500

A Caminho, por Huysmans. Historia da conversão do auctor; apologia da Mystica e da Liturgia; santos e escriptores mysticos; costumes de diversas ordens religiosas e em especial da Trappa, onde o auctor se recolheu. Um elegante vol. de 430 pag., broc...... 600

A Cathedral, por Huysmans. O poema em prosa da symbolica, o maior «monumento» da litteratura christã dos ultimos tempos; dedicado a S. Ex.a Rev.ma o Snr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto. Um bello vol. de 448 pag., broc. 600

Lourdes, por Huysmans. Um magnifico vol. br................. 600

> «A *Lourdes*, de Huysmans, que póde considerar-se a resposta triumphal e esmagadora á de Zola, é a descripção mais completa e perfeita do «dia a dia» da cidade das Apparições. Tudo ahi vem magistral e primorosamente descripto: a basilica, a gruta, a fonte, as piscinas, as peregrinações, as curas, etc.» *A Palavra.*

O Caminho da Salvação. Livro de missa, meditações, devoções e orações, coordenado pelo Padre J. G. Cascão d'Araujo. Um vol. de 350 pag., com uma linda estampa no frontispicio, broc., 180; encadernado.. 250

Manual Breve das Filhas de Maria, pelo M.o Rev.o Abbade D. Alberto Passéri, vigario geral dos conegos regulares lateranenses Broc., 150; encadernado.. 200

Jesus ao Coração da Joven, por D. Camillo Zamboni (Bolonhez). Este livrinho muito se recommenda ás jovens e especialmente aos colegios; Broc., 180; cart. 250

De Gethsemani ao Golgotha ou a paixão de N. S. Jesus Christo segundo os Prophetas, os Evangelistas e os Padres da Egreja, pelo Rev.o Alfredo Weber, capellão dos asylos de Verdun. Broc., 200. Enc.. 300

A Mulher na escola de Maria *em todas as condições*, por Larfenil. E' um livro pratico, cheio de salutares conselhos e uteis ensinamentos sobre os deveres da mulher christã. Broc., 400; encadernado. 550

O Mez de Fevereiro dedicado a N. S. de Lourdes, com exemplos, novena, ladainhas, etc., e precedido d'uma resenha historica sobre as apparições de Lourdes, por Domenico Scotti-Pagliara. Broc., 200; enc.... 300

A Alma aos pés de S. José. Exercicios devotos para o mez de março, com exemplos, orações, etc. por Larfeuil. Broc. 300; encadernado. 400

A Alma aos pés de Maria. Exercicios devotos para o mez de maio, com exemplos por Larfeuil. Broc., 300; enc..... ... 400

Mez de Maria das filhas de Maria, pela reverenda Madre Maria Clara. Broc., 140; enc. 200

Mez de Setembro ou Mez de Nossa Senhora das Dôres com exemplos, dois septenarios, etc., por Domenico Scotti-Pagliara. Broc..240; enc. 300

A Condemnação do Socialismo, depoimentos de philosophos, economistas e sociologos. Interessante opusculo de propaganda anti-socialista 600

Vida de Santa Rosa de Lima, por Junius. Broc., 200; enc. 300

COLECÇÃO « SCIÊNCIA E RELIGIÃO »

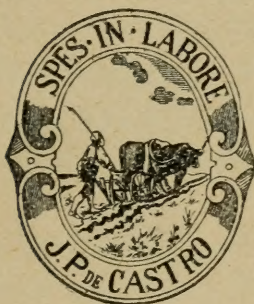
XCVII

CONEGO J. AUGUSTO FERREIRA

ANTIGO PROFESSOR

ARCHEOLOGIA LITURGICA

ORIGEM DAS FESTAS CHRISTÃS



PÓVOA DE VARZIM
LIVRARIA POVOENSE — EDITORA
DE
JOSÉ PEREIRA DE CASTRO
Agente geral no Brasil — Livraria Salesiana Editora — S. Paulo

INTRODUCÇÃO

Ha muito tempo que eu pensava num estudo dos ritos judaicos e christãos, a fim de descriminar o que nelles houvesse d'origem pagã.

Este estudo seria, por certo, interessante, e entre nós teria a valorisá-lo o merito da novidade; todavia não posso na presente occasião levá-lo a effeito em toda a sua plenitude, como era meu desejo, não tanto por exceder as minhas forças, como pela escassez dos recursos de que disponho neste meio esterilisador em que escrevo.

Terei, pois, de confinar-me num ambito mais reduzido e mais modesto, e circumscrever-me apenas á *Origem das festas christãs*. E, apesar da limitação do meu objectivo, não prometto ainda um trabalho completo, mas aliás um esboço compativel com o numero das paginas d'este pequeno volume, e portanto restricto ás *principaes festas* do anno ecclesiastico.

No estado actual da sciencia não póde negar-se que a Igreja Catholica, nos seus primordios, tomára

alguns ritos gentilicos, e que, purificados préviamente de toda a superstição idolatrica, mudado o objecto a que primeiro se referiam, e sanctificados, os transferira para o culto do verdadeiro Deus. Neste procedimento a Igreja imitou o proprio Deus, que tambem transportou para a sua Lei alguns ritos egypcios, [1] pois ella conheceu que os pagãos convertidos difficilmente abdicariam d'algumas praticas religiosas profundamente arraigadas nos costumes, nos instinctos e até nas inclinações mais imperiosas do coração humano. [2]

Devo dizer, porém, que a maior parte da liturgia christã procede da liturgia judaica, e não é mesmo senão a sua continuação; assim como tambem a generalidade dos ritos judaicos não derivou para a lei mósaica do Gentilismo, porquanto muitos foram praticados pelos primeiros Patriarchas, conforme se lê no *Genesis*, que refere as *offerendas* feitas por Caim e Abel dos fructos da terra e dos primogenitos do rebanho; a *invocação* ou o rito de invocar o nome do Deus inventado por Enos, filho de Seth; a erecção de *altares*, e os *sacrificios* pri-

---

[1] VIGOUROUX, *La Bible et les découvertes modernes*, II, pag. 547; e *Dictionnaire de la Bible*, art. *Loi mosaïque*, col. 335.

[2] É geralmente sabido ainda que depois da paz constantiniana foram attraídos á Igreja muitos pagãos, que sómente tomaram do Christianismo o nome, ficando pagãos de sentimentos e de costumes.

meiro feitos por Noé e depois repetidos por Abrahão, Isaac e Jacob, e muitos outros ritos, especificados nos Livros Santos, que não foram tirados dos gentios, mas aliás transmittidos por continuada tradição e conservados até ao ingresso de José e seus irmãos no Egypto, por ex. a *monogamia*, de cujo rito faz menção Jesus Christo no capitulo XIX de S. Matheus, [1] mostrando aos phariseus que o matrimonio era indissoluvel, e que Moysés, pela dureza do povo hebreu acostumado á dissolução dos Egypcios, lhe permittira o repudio: *quoniam Moysés, ad duritiam cordis vestri, permisit vobis dimittere uxores vestras; ab initio autem non fuit sic.*

Comtudo os Hebreus, depois do seu estabelecimento no Egypto, onde estiveram **quatro seculos**, embora conservassem algumas praticas da Religião primitiva, pelas quaes eram reconhecidos e distinctos, adoptaram os costumes gentilicos e muitos entregaram-se á idolatria ou polytheismo; [2] de modo que Deus, querendo restabelecer o seu verdadeiro culto entre elles e restitui-los á antiga piedade dos Patriarchas, serviu-se de Moysés, que á força de inauditos milagres os levou ao deserto, deu-lhes a Lei escripta e os preceitos, e instituiu as cerimonias sagradas. E porque Deus no governo dos homens obra sempre, não segundo o seu poder, mas em harmonia com a capa-

---

[1] *Versiculo* VIII.
[2] *Josué*, XXIV-14.

cidade da nossa natureza, adaptando-se por assim dizer á rudeza humana, quiz reconduzir aquelle povo ao seu culto com suavidade e doçura; ora, estando elle acostumado aos ritos gentilicos do Egypto, todos materiaes e sensiveis, para que não caísse na antiga superstição, prohibiu-lhe expressamente e sob ordem rigorosa, o *culto dos idolos* e *todos os ritos* que repugnassem á verdadeira fé e bons costumes; todavia transferiu para a sua Lei alguns dos ritos e cerimonias, que não eram intrinsecamente supersticiosos. [1]

S. João Chrysostomo, na Homilia 6 sobre S. Matheus ácerca do texto—*ecce stella, quam viderant Magi in Oriente*, confessa que alguns ritos e cerimonias foram tirados dos gentios, como as *Neomenias*, [2] *Purificações* [3] *legaes*, *Arca*, [4] *Templo*, etc. [5] Vigoroux,

---

[1] EUSEBIO, *Demonstrat. Evang.* lib. I, cap. 6.

[2] *La Bible et les découvertes modernes*, I, pag. 475; e II, pag. 519 e segg.

[3] Cf. MARANGONI, *Delle cose gentilesche e profane trasportate ad uso e adornamento delle Chiese*, cap. XXIII, pag. 79 e 80.

Devo a leitura ou consulta desta bella obra, rara entre nós, ao gentil obsequio e fidalga generosidade do snr. Dr. Mendes dos Remedios, sabio professor da Universidade de Coimbra. Aqui lhe deixo, pois, testemunhado o meu reconhecimento.

[4] Moysés sómente copiou da religião egypcia algumas fórmas particulares de culto e a ideia d'um certo numero d'objectos que deviam servir no sanctuario de Jehovah. Cf. cit *Dict. de la Bible*, col. 335.

[5] As *Purificações* ou *Lustrações* estiveram em uso na

abundando nas mesmas ideias, accrescenta «que assim como Moysés copiou algumas coisas dos Egypcios, [1] não foi impossivel a Abrahão adoptar tambem alguns dos seus usos, por ex. *a Circumcisão*», [2] que Deus lhe impoz transformando-a em signal sagrado, embora esta pratica existisse no Egypto desde uma alta antiguidade, como attestam os monumentos. Assim, Deus tornou sagrado um costume já conhecido de Abrahão antes de o praticar, como os sacrificios que já existiam antes que Deus revelasse a Moysés o modo como Aarão devia offerecer-lh'os, e o rito do baptismo, que egualmente existia antes que Jesus Christo o elevasse á dignidade de sacramento. Como se vê, Deus nas suas revelações não ensinou sempre

---

maior parte dos povos antigos: Assyro-babylonios, Egypcios, Arabes, Gregos e Romanos. Cf. cit. *Dict. de la Bible*, art. *Lustration*, col. 425.

[1] Maimonide, sabio rabbino do seculo XII, é de parecer que as *Neomenias* foram instituidas em opposição com o culto consagrado á lua nova por certos povos, e particularmente os Egypcios. Na verdade, o culto idolatrico da lua era prestado por todos os povos antigos com os quaes os Hebreus estiveram em relação. Vigouroux entende tambem que o sacrificio das *Neomenias* fôra prescripto como especie de protesto contra os polytheistas que adoravam a lua nova. Cf. *Man. Biblique*, I, pag. 805.

[2] Ácerca das analogias exteriores encontradas entre a Arca d'Alliança e a *bari* ou barca sagrada dos deuses egypcios, vid. Vigouroux, *La Bible et les découvertes modernes*, II, pag. 530-542. Nos dias de festa as barcas sagradas eram levadas solemnemente em procissão pelos sacerdotes.

aos Patriarchas coisas que elles ignoravam, mas algumas vezes sanctificou e apropriou ao seu culto cerimonias que já lhes eram familiares.

Do exposto resulta que os monumentos gentilicos podem dividir-se em duas classes: a primeira é a d'aquelles que intrinsecamente e por si mesmos representavam as imagens dos idolos; a outra é a d'aquelles que simplesmente serviram aos sacrilegos ministerios ou foram adoptados em honra dos falsos deuses. Quanto aos primeiros, é coisa indubitavel que foram sempre abominados pelos antigos christãos e excluidos dos seus templos; mesmo as estatuas d'ouro e prata, só depois de fundidas e aproveitando-lhes unicamente a materia, se converteram em coisas sagradas.

Os restantes monumentos gentilicos, que não tinham sido idolos, mas sómente instrumentos adoptados no seu culto, como *altares, templos, marmores, urnas*, etc., foram sem escrupulo algum transferidos pelos antigos christãos para o culto do verdadeiro Deus.

Ha um ponto em que a Igreja, bem como a Synagoga, se mantiveram sempre numa absoluta intransigencia, conservando-se fieis ao preceito do Senhor: *Non habebis deos alienos coram me; non adorabis ea, neque coles*, [1] onde se prohibe o fabrico de imagens idolatricas, isto é, imagens para serem adoradas, como

[1] *Exodo*, c. xx, vv. 3, 4 e 5.

faziam os gentios. A Igreja, legitima herdeira da Synagoga, declarou desde a sua fundação guerra implacavel á idolatria, abatendo as estatuas dos idolos dos falsos deuses por toda a parte, e excluindo-os com uma perpetua aversão dos templos sagrados, conforme escreve S. Paulo:[1] *Quis consensus Templo Dei cum idolis?* mostrando nestas palavras a incompatibilidade, a opposição e contradicção entre a Casa de Deus e as imagens idolatricas.[2]

---

[1] II *ad Corinth*, c. VI, v. 16.

[2] Os *Canones de Hyppolito*, nomeadamente os n.os 65 e 66, prohibem expressamente aos artistas christãos o fabrico d'idolos ou figuras idolatricas; portanto as pinturas decorativas e allegoricas das Catacumbas de Roma, e, entre ellas, a imagem d'Orpheu, foram feitas para simples adorno, e não a titulo d'idolatria. Até a imagem d'Orpheu, que é a unica que póde ser chamada mythologica, tem uma significação christã. Orpheu, na antiquissima representação da sua imagem no *Cemiterio de Calixto*, apparece como o bom pastor entre duas ovelhas; mais: assim como o Orpheu pagão domou as feras, tocando a sua lyra, assim o Orpheu divino, Jesus Christo, transformou o mundo gentio pela doçura da sua doutrina; finalmente Orpheu representava para um grupo numeroso do mundo pagão a ideia d'immortalidade, e por este motivo foi escolhido pelos fieis como um testemunho antigo das suas proprias esperanças; vindo assim a desempenhar o papel *de propheta pagão* do Christianismo. Cf. *Origines du Culte Chrétien*, de Duchesne, pag. 530 e segg.; *Notiones Archaeologiae Christianae,* vol. II, part. 2.a, pags. 61 e segg. e 141 e segg. do Padre Syxto; *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, de Marucchi, pag. 106; e *Manuel d'Archéologie Chrétienne,* de Leclercq, I, pags. 127 e 128.

São altamente suggestivas as instrucções do Papa S. Gregorio Magno (590-604) a Santo Agostinho, Arcebispo de Cantuaria, Apostolo da Grã-Bretanha, pela sabia e generosa condescendencia que revelam: «Não é preciso, dizia o Pontifice, abater os templos dos idolos, mas sómente os idolos que lá estão. Depois de aspergidos esses templos com agua benta, devem collocar-se ahi altares e reliquias, porque se esses templos estão solidamente construidos, é necessario fazê-los servir do culto dos demonios ao culto do verdadeiro Deus, a fim de que essa nação, vendo que se não destroem os templos, se converta mais facilmente e venha adorar o verdadeiro Deus nos logares que lhe são conhecidos. E como elles costumam matar muitos bois, sacrificando-os aos demonios, é necessario estabelecer alguma solemnidade que substitua esses sacrificios. Assim, no dia da Dedicação ou da festa dos martyres, cujas reliquias se lhes hão de dar, poderiam fazer-se cabanas de folhagem em volta dos templos convertidos em igrejas, e celebrar a festa com agapes fraternaes. Mas em vez d'immolar animaes ao demonio, matá-los-iam sómente para os comer, dando graças a Deus por os ter saciado; d'este modo, deixando-se-lhes algumas alegrias sensiveis, dispôr-se-iam mais facilmente para as alegrias espirituaes; porquanto é impossivel cortar tudo d'um só golpe em almas selvagens; a montanha não se sobe aos saltos, mas sim a passo.» [1]

[1] OZANAM, *Œuvres*, t. IV, pag. 158.

D'estas instrucções resulta que a Igreja continuou a attrair as almas ao seu seio pela doçura e persuasão, usando mesmo por necessidade d'uma extrema condescendencia; e, como os gentios amavam os seus templos e as suas festas, a Igreja adoptou muitas vezes esses templos para o seu proprio culto, e instituiu festas que celebrou nos dias das festas pagãs, [1] isto é, substituiu muitas festas pagãs por festas christãs.

D'aqui a accusação de que a multidão ignorante substituiu aos seus idolos outros idolos apenas revestidos d'um nome differente. Não ha duvida de que em alguns logares o culto d'um sancto supplantou o de um deus, todavia esta transformação não deve surprehender-nos; porque a Igreja não veio destruir o sentimento religioso, mas aliás purificá-lo e levantá-lo; e por isso nos primeiros seculos transformou muitas vezes um culto idolatrico e impuro n'uma devoção legitima, assim como installou em muitos templos pagãos o culto do verdadeiro Deus, contentando-se com purificá-los e expulsar os idolos; e nisto tambem nada ha d'extranhavel; porquanto o Templo de Jerusalem, profanado nos reinados de Achás e Manassés com cultos idolatricos, foi restituido no seu antigo estado ao culto do verdadeiro Deus, depois de sanctificado, com as mesmas alfaias e vasos sagrados. [2]

---

[1] Beugnot, *Hist. de la destruction du paganisme en Occident*, l. xii, c. i, pag. 265; e Auber, *Histoire et Théorie du Symbolisme religieux*, iv, pag. 186.

[2] 2 *Paralip.* cc. 28 e 29, 33 e 34

Quando Cyro, rei da Persia, deu a liberdade aos Judeus e lhes permittiu a reedificação do Templo, restituiu-lhes os vasos sagrados, que Nabuchodonosor havia levado de Jerusalem e profanado no culto do seu idolo, os quaes, de novo sanctificados, foram repostos no segundo Templo; [1] tudo isto demonstra que á face dos Livros Santos e com exemplos d'elles tirados, as coisas gentilicas podem purificar-se, e, sanctificadas com bençãos sagradas, applicar-se ao culto divino nas nossas igrejas. [2] Por isso, como diz Baronio, [3] pelo mesmo principio por que louvavelmente muitos templos pagãos foram transformados em igrejas christãs, tambem alguns ritos gentilicos, depois de purificados, foram consagrados ao culto divino; e accrescenta que na *dedicação* dos templos ha muitas *coisas semelhantes* entre christãos e pagãos.»

Na verdade, a Igreja catholica, pela sua indole larga em nada desprezar que fosse bom e d'algum modo concorresse para a honra e majestade do culto, e para edificar o animo dos fieis, quando nos seus primordios tractou de dar alguma fórma externa aos

---

[1] I Esdras, c. I.

[2] *Annaes*, a. 44, §§ 87 e 88.

[3] O segundo Templo tambem foi profanado com cultos idolatricos por Antiocho IV, *Epiphanes*; mas Judas Machabeu, vencedor, fê-lo expiar ou purificar e celebrou uma nova *Dedicação*, que ficou em festividade annual com o nome de *Enccenias*. Cf. I *Mach*, IV, 52-59; II *Mach*, X, 1-8; *João*, X-22.

actos do culto, não só conservou innovando as melhores coisas da Synagoga, mas ainda não se dedignou, como disse, de escolher algumas d'entre os ritos gentilicos, fazê-las suas, e elevá-las a uma sublime significação. [1] De modo que não será temerario affirmar que da delimitação dos templos pagãos feita pelos augures entre os Romanos, nasceu o rito do alphabeto da dedicação das igrejas christãs. Nem isto nos surprehende; porquanto, como diz Eusebio, [2] Constantino Magno promoveu a dedicação de muitas igrejas, fazendo assistir a essas solemnidades grande numero de bispos, e por isso poderia concertar com elles o cerimonial, que demais ainda não estava organisado. Constantino, que nunca abdicou o pontificado pagão e queria interferir no governo da Igreja Christã, podia facilmente converter um rito pagão num rito christão *mutatis incongruis,* ou á semelhança d'aquelle fazer um rito novo e mais sancto.

E o que se affirma de Constantino, póde dizer-se dos outros Imperadores até Graciano, os quaes conservaram todas as honras do pontificado pagão, e alguns d'elles procuraram audaciosamente ingerir-se nos negocios ecclesiasticos, com grande injuria da fé e da liberdade da Igreja.

Ahi fica, pois, exemplificada a transformação

---

[1] *Archaeologia liturgica*, Padre Syxto, pag. 23.

[2] *De vita Constantini*, lib. IV, cap. 43.

d'uma cerimonia pagã num rito da dedicação da igreja christã; todavia é necessario accentuar tambem que os usos populares introduzidos em alguns actos religiosos não são, e nunca foram disposições liturgicas auctorisadas pela Igreja catholica.

Na liturgia do Christianismo ha ainda usos ou ritos tão conformes á natureza e ás proprias leis do espirito humano, que se encontram no fundo da maior parte dos cultos da antiguidade, embora provertidos por interpretações grosseiras.

Em todos os tempos os homens ligaram aos grandes phenómenos da natureza e aos productos de utilidade universal, uma significação symbolica em harmonia com o uso natural. A *agua*, que lava e que refresca, tem na linguagem dos signaes e na linguagem religiosa o sentido d'uma purificação; o *fogo*, que queima, purifica como a agua; é *luz*, e por isso illumina. O *oleo* adoça, amacia, fortifica; o *sal*, não só dá aos alimentos o seu sabor, mas tambem os conserva.

D'estas palavras derivam em todas as linguas humanas expressões ou metaphoras que são a traducção d'essas ideias primitivas; e assim diz-se: «um zelo de fogo, o sal da sabedoria, falar com uncção, etc.»

Ora a Igreja, que recolheu, como disse, as tradicções do culto mósaico, e os pedaços d'ouro que os cultos pagãos vertiam na lama, e que tirou um partido admiravel da poesia da natureza para a sua liturgia, não podia deixar de adoptar alguns d'esses ritos tão expressivos e profundos. A *agua*, o *sal*, o *oleo*

e a *cinza* eram elementos que faziam parte já dos ritos judaicos, entrando nos sacrificios e purificações legaes, e a sua tradição na liturgia catholica, graças aos documentos recentemente descobertos, póde ascender ao menos até ao IV e mesmo até ao III seculo. [1]

O *fogo* e a *luz* são um grande symbolo liturgico, que desempenhou um papel importante em todos os cultos da antiguidade.

Este elemento, cuja natureza e força não conhecemos ainda exactamente, mas sem o qual a vida humana seria impossivel em algumas regiões do globo, este elemento, digo, que nas mãos do homem é um instrumento docil e se amolda a todos os usos, mas cujas revoltas são terriveis, foi considerado pelos nossos antepassados como um poder mysterioso e muitas vezes adorado como Deus. O sol, que todas as manhãs se levanta no horisonte, e espalha sobre a terra a sua luz benefica, foi associado ao mesmo culto. Comtudo, se o *fogo* e a *luz* não são deuses, são um bello symbolo da divindade, que é luz inextinguivel, que illumina e aquece os homens neste frio e obscuro valle da terra; são em todos os casos para o homem um beneficio divino.

E ao papel de symbolo ficaram reduzidos estes elementos no Sabbado sancto, em que a Igreja celebra o grande mysterio do *fogo* e da *luz*.

---

[1] Cf. *Le livre de la prière antique*, de Dom Fernando Cabrol, pag. 361.

O *incenso* foi unido ao *fogo* no Sabbado sancto; os *grãos* benzidos depois do *fogo* são pregados no cirio paschal durante o canto do *Exultet.*

O uso do *incenso* para honrar a divindade é tambem um d'estes ritos universaes, que existiam em muitos cultos, entre os Egypcios, Romanos, etc. O ritual mósaico adoptou este uso certamente dos Egypcios.

O incenso, só ou com outros perfumes, era empregado em muitos sacrificios judaicos. No Templo havia mesmo o *altar dos perfumes*, onde se queimava o incenso de manhã e de tarde. Resumindo, é um sacrificio, pois queima-se em honra da divindade, é um symbolo da oração, que sobe ao céo como o fumo do incenso.

O uso do incenso na liturgia catholica ascende a uma alta antiguidade, e documentalmente demonstra-se a sua existencia no IV seculo, [1] onde em Jerusalem era adoptado nas grandes solemnidades. O motivo da prohibição do uso do incenso, ou que pelo menos o tinha tornado raro, já não existia. Nos primeiros

---

[1] Cf. *Peregrinatio Silviae* nas *Origines du Culte Chrétien*, de Duchesne, pags. 496 e segg. A *Peregrinatio*, chamada *Peregrinatio Silviae*, mas de auctor ainda desconhecido, é um documento do IV seculo, que terei de citar muitas vezes. Duchesne quer que seja Etheria ou talvez Eucheria, religiosa d'um mosteiro da Galliza, a auctora d'este curioso documento, onde se relata uma peregrinação aos Logares Santos do Oriente, feita na epocha de Theodosio.

seculos, diz o benedictino Cabrol, [1] os gentios recentemente convertidos poderiam ter concebido ideias falsas, vendo nas igrejas christãs queimar incenso como nos templos pagãos; no IV seculo esta confusão já não era possivel; o desenvolvimento da liturgia depois da paz constantiniana, e o maior esplendor dado ao culto externo, teriam naturalmente determinado o uso do incenso, dado, mas não concedido, que elle não existisse antes d'esta data.

Entre os catholicos, hoje, queima-se o incenso em todas as grandes funcções liturgicas, conservando a Igreja a este rito a sua significação antiga; o incenso é, como disse, o symbolo da oração, purifica o ar e expulsa os espiritos maus; é sobretudo uma homenagem de adoração prestada a Deus, um sacrificio pelo qual reconhecemos o dominio soberano do Creador sobre toda a creação.

Eu bem sei que o facto de se encontrarem alguns ritos da liturgia catholica em certos cultos pagãos tem sido motivo de ataque para alguns criticos, sobretudo protestantes e racionalistas; mas o Christianismo, por isso mesmo que é a verdadeira religião da humanidade, não rejeitou dos antigos cultos senão as partes gangrenadas. Já Santo Agostinho o havia notado: [2] «Nós temos certas coisas communs com os pagãos, mas o fim é diverso». De facto, todas as reli-

---

[1] Cit. *Le livre de la prière antique*, pag. 355.

[2] L. XX contra *Faustum*, c. XXIII.

*

giões se semelham, porque assentam numa base identica, que é a natureza religiosa do homem. Nada, pois, mais natural do que essas analogias procuradas por vezes com um zelo odioso pelos adversarios do Catholicismo; porém a questão está no caracter de *transcendencia* que esta religião, como verdadeira, deve ter neste ponto como nos demais, isto é, que a sua oração deve traduzir-se em phrases mais elevadas, os seus ritos devem ser inteiramente isentos de praticas baixas ou grosseiras.

É um erro suppôr que a liturgia catholica, tal qual hoje existe, data dos tempos apostolicos; os ritos e praticas chamados essenciaes ou d'instituição divina são apenas os *sete sacramentos*, a *Oração dominical* e ainda a *sanctificação do domingo;* tudo o mais é d'instituição ecclesiastica. Mesmo as festas da Paschoa e Pentecostes, certamente as mais antigas da Igreja, e que os escriptores do segundo seculo, conforme se vê dos documentos relativos á controversia paschal, mencionam como dos tempos mais remotos, não teem em favor da sua origem apostolica um único texto conhecido, que positivamente a affirme.

Bem sei que no estudo da liturgia uma grande parte assenta sobre hypotheses, por causa da raridade e obscuridade dos documentos; todavia está provado que a liturgia christã se constituiu no periodo antigo da historia ecclesiastica, do primeiro ao quinto seculo, e o mais tardar, do primeiro ao seculo nono; neste momento a Igreja possue todos os seus ritos, todas as suas formulas de oração, o serviço divino está orga-

nisado, as fórmas da psalmodia estão fixadas; as addições posteriores apenas modificaram alguns pormenores; as grandes linhas permaneceram inalteraveis.

E para dar a razão d'este meu pobre trabalho, direi que logicamente não poderia estudar a origem das festas christãs sem o exame prévio das festas judaicas; porque nisto, como em tantas outras coisas, a Igreja é, como disse, num certo grau, a herdeira da Synagoga.

O anno ecclesiastico não é outra coisa senão a combinação de dois calendarios, um judeu, outro christão. Ao calendario judeu correspondem as festas moveis, ao calendario christão as festas fixas.

A bibliographia, que poderia inspirar este despretencioso trabalho, é d'uma grande penuria, como se verá pelas citações; e não friso esta nota para arrogar a mim o merito da originalidade, mas aliás a fim de prevenir os leitores de que neste modesto volume são tocadas questões ainda muito pouco estudadas.

Postos estes preliminares, vou entrar no estudo da materia, que me propuz desenvolver, e que distribuirei para isso em dois capitulos: *Festas moveis* e *Festas fixas*, tomando para ponto de partida das primeiras a *Paschoa* e das ultimas o *Natal*.

CAPITULO I

As festas moveis

Paschoa, Pentecostes e Ascensão

Quem quizer profundar o Christianismo deve estudar préviamente o Judaismo; pois o Christianismo teve por primeiro designio ser o complemento do Judaismo, [1] e por isso muito conscienciosa e serenamente propôz esta evolução, que o Judaismo obstinadamente recusou.

Mais claro: a Igreja christã saiu do Judaismo. Em Jerusalem começou a propaganda evangelica, e foi passando pelas communidades judaicas do Imperio romano que ella attingiu as populações pagãs.

É um facto incontestavel que as communidades judaicas tinham adquirido no Oriente e na Grecia um desenvolvimento consideravel no momento em que esses paizes passaram para o dominio romano. Os Romanos acceitaram esta situação, e mantiveram por habilidade politica os privilegios concedidos aos

---

[1] *Math.*, v, 17.

Judeus pelas monarchias macedonias; comtudo abstiveram-se de a transportar para o Occidente.

Houve, sem duvida e muito cedo, uma colonia judaica em Roma, mas nunca teve uma situação privilegiada; pois, sob Tiberio em 19 e sob Claudio em 54, foi dissolvida, e os seus membros expulsos da Italia.

Além d'isso Roma era uma cidade semi-grega, e nesta população da lingua grega é que se encontravam os Judeus, como o demonstra a sua epigraphia funeraria; demais, nunca os Judeus traduziram a Biblia em latim. A sua propagação no Occidente é posterior aos primeiros tempos do Christianismo.

De modo que os Apostolos christãos, logo que chegavam a uma localidade, punham-se em contacto com a communidade judaica; prégavam na Synagoga e ahi expunham o assumpto da sua missão.

Não se viu, porém, que o resultado fosse completo, isto é, que as colonias judaicas acceitassem em massa o Evangelho.

Muitas vezes, depois de terem recrutado um certo numero de adherentes, eram os Apostolos e os seus discipulos excommungados pelos superiores da Synagoga. Então os novos crentes fundavam um grupo novo, scismatico em relação ao antigo, com as suas reuniões á parte, espirito, doutrina e directores especiaes.

E assim se fundou a christandade local, a corporação dos fieis de Jesus Christo, a Igreja.

Destacadas uma por uma das communidades judaicas, desenvolvidas rapidamente por uma propaganda activa no meio dos gentios, as igrejas christãs

encontravam-se logo unidas por um mesmo sentimento de fé, esperança e caridade. E por aqui se mostra o laço historico, que prende as primeiras igrejas christãs ás communidades judaicas espalhadas no mundo grego.

Ora um parentesco tão estreito não podia deixar de exercer uma influencia notavel sobre a organisação do governo ecclesiastico e do culto.

D'aqui a necessidade de estudar a historia das festas mósaicas; além d'isso, como já dissemos, as festas do Christianismo gravitam ao redor de duas grandes festas, Natal e Paschoa, sendo esta d'origem judaica e ambas os dois pólos do anno christão.

De maneira que, dividindo se as festas em *moveis* e *fixas*, correspondendo aquellas ao calendario judaico e estas ao calendario christão, de cuja combinação resultou o anno ecclesiastico, impõe-se um estudo aliás succinto das festas judaicas, a fim de sabermos quaes foram aquellas que os christãos conservaram, dando-lhes, embora, uma significação apropriada ás suas crenças.

Mais: se as communidades christãs locaes, em geral, se desligaram de communidades judaicas preexistentes, e d'esta origem derivam muitas semelhanças entre a organisação das igrejas e a das synagogas, [1]

---

[1] A Igreja copiou das synagogas a forma das suas communidades; assim os «presbyteros» ou sacerdotes correspondiam aos «antigos» da Synagoga. Cf. cit. *Dict, de la Bible*, art. *Synagogue*, col. 1905.

essas semelhanças salientam-se particularmente no dominio do culto; pois, como já disse, a liturgia christã procede em grande parte da liturgia judaica.

Comtudo é necessario distinguir o culto do Templo do das Synagogas; o primeiro não exerceu influencia alguma sobre a liturgia christã, e era inteiramente differente do serviço religioso das synagogas, que não comportava sacrificios cruentos, nem oblações de fructos, primicias e incenso. Os Judeus reuniam-se nas synagogas ao sabbado, não só para orarem em commum, mas tambem para lerem os seus Livros sagrados, primeiro a *Lei*, e depois os *Prophetas*, isto é, os outros livros da Biblia. Além d'estas leituras havia canticos, cujo texto era fornecido pelo *Psalterio*. Outro exercicio, menos essencial, mas muito em pratica, era a *homilia* sobre um thema extrahido das leituras.

D'onde se vê que as synagogas exerciam sobre a vida religiosa d'Israel uma influencia muito mais pratica e efficaz do que o Templo.

O Templo era, é certo, o centro do ritualismo mósaico; mas o ensino, isto é, a formação da consciencia religiosa, dava-se nas synagogas, attingia todos os Judeus, na Palestina e no extrangeiro, e mantinha entre todos elles uma communidade de fé, esperanças e vida, a qual constituiu o verdadeiro laço da nacionalidade judaica e sobreviveu á destruição do Templo. [1]

---

[1] A instituição das synagogas ascende á epocha do captiveiro de Babylonia.

Ora a Igreja adoptou para a sua liturgia as *leituras*, os *canticos*, as *homilias* e as *orações* da Synagoga, accrescentando apenas os textos do Novo Testamento e especialmente do Evangelho.

A offerta do sacrificio tinha sido reservada exclusivamente ao Templo; mas a Igreja, não podendo prescindir d'este elemento essencial, contentou-se com fazê-lo succeder, nas suas reuniões, ao serviço copiado da Synagoga.

Mais claro: á liturgia da Synagoga o Christianismo ajuntou um elemento novo, duravel e permanente, que foi a refeição sagrada, instituida por Jesus Christo, como perpetua commemoração de si mesmo. Esta parte inteiramente christã e original da Missa, que é simultaneamente uma *refeição* e um *sacrificio*, abrangia trez phases principaes: a acção de graças ou oração eucharistica, a fracção do pão, [1] e a distribuição do pão e do vinho aos convivas.

E assim ficava a Missa naturalmente dividida em duas partes: *Missa dos catechumenos* e *Missa dos fieis*. A primeira é aquella que a Igreja copiou do antigo serviço religioso das synagogas, e ia desde o

---

[1] A *fracção do pão*, quer dizer, a acção de partir o pão, é tão importante, que na antiguidade o sacrificio era designado por este nome. Outr'ora este rito era mais expressivo, porque os fieis commungavam um fragmento d'um mesmo pão e participavam do mesmo calix. Hoje aquelles que commungam recebem particulas consagradas, de modo que a fracção apenas se realisa para a hostia do sacerdote.

introito até ao *offertorio*, onde começava a segunda parte, a *liturgia christã*, isto é, o sacrificio propriamente dito, a *Missa dos fieis;* porque antes os catechumenos, os penitentes ou mesmo os gentios eram despedidos: *Catechumeni recedant; Omnes catechumeni exeant foras.*

Na primeira phase da missa da Sexta-feira santa encontra-se ainda hoje o typo da antiga *missa* chamada *dos catechumenos.*

De modo que a *Ceia,* durante a qual Jesus Christo instituiu a Eucharistia em a noite que precedeu a sua morte, fixou o prototypo das reuniões christãs. E sabido que esta refeição era o banquete ritual da Paschoa mósaica, onde se cantavam psalmos e recitavam orações; o cordeiro symbolico era comido em recordação ou em memoria da saída do Egypto; davam-se graças a Deus, que libertara o seu povo do jugo dos inimigos, que o havia feito atravessar o Mar Vermelho, e o tinha conduzido miraculosamente atravez do deserto. Ora foi no fim d'esta mystica refeição que Christo instituiu o sacramento do seu corpo e do seu sangue; [1] a qual, por isso, se tornou o modelo e o centro das reuniões christãs. Um banquete fraternal, celebrado á noite, como a ceia, e que reunia os fieis na caridade, psalmos, e orações, terminando tudo pela pratica do rito eucharistico, taes são os elemen-

[1] *Luc.*, XXII, 17; *Math.*, XXVI, 26; *Marc.*, XIV, 22; *S. Paulo* I *Cor.*, XI, 23; em S. João, promessa da Eucharistia, VI, 48 e segg.

tos primitivos, que se encontram nas mais antigas assembleias christãs.

Os Apostolos, a exemplo de Christo, reuniram-se para a oração e para a fracção do pão. Foi a reunião ou *synaxe* eucharistica; era a renovação da Ceia.

Esta reunião christã fazia-se no sabbado á noite, como na Synagoga; orava-se e prégava-se; depois d'isto vinha a *fracção do pão;* a cerimonia acabava na aurora, no *domingo.*

A synaxe liturgica ou eucharistica fazia-se, pois, no domingo de manhã; isto tornou-se um costume christão. O domingo passou a ser então o dia *liturgico* por excellencia, chamou-se o dia do *Senhor,* era a sua festa, [1] *a principal das festas christãs, e a primeira instituida.*

Concluindo, a ceia eucharistica, que tinha creado o domingo e sanctificado a semana, formou tambem, em certo modo, a solemnidade paschal e projectou os seus raios sobre todo o anno liturgico, de que ficou sendo o nucleo ou centro.

A Paschoa celebrava-se, portanto, póde dizer-se, todas as vezes que se offerecia o sacrificio eucharistico; mas era natural que no dia do seu anniversario a festa fosse mais solemne; e foi na verdade a primeira festa christã depois do domingo, o primeiro astro que na sequencia deste appareceu no céo liturgico.

---

[1] O famoso texto dos Actos (xx, 7 e segg.) apoia esta doutrina.

A palavra *Paschoa*, na sua origem, comprehendia não só a festa da Resurreição do Salvador, mas tambem a Paixão e Morte de Christo; estes trez dias eram considerados uma festa unica; assim, dizia-se a paschoa da paixão, a paschoa da crucifixão, e a paschoa da resurreição; não sendo na realidade senão uma só paschoa.

A celebração solemne do anniversario da Morte do Salvador devia conduzir naturalmente a festejar o anniversario do seu Nascimento; de modo que estes dois anniversarios, Natal e Paschoa, ficaram sendo, como disse, os dois pólos do anno liturgico. A Paschoa é, pois, o centro regulador das *festas moveis*, como o Natal é o ponto determinante d'um grande numero de *festas fixas*.

Infelizmente não era facil saber em que dia caía a Paschoa. No Occidente entendia-se geralmente que o Senhor tinha soffrido a sua Paixão a 14 do mez de *Nisan*, mez judeu lunar, que correspondia pouco mais ou menos a um mez que caísse de 15 de março a 15 de abril; 14 de *Nisan*, é, pois, o dia 14 da lua de março; acreditava-se tambem que a Resurreição se deu no terceiro dia, que era um domingo. Os christãos orientaes celebravam a Paschoa no dia 14 de *Nisan* de cada anno; d'este modo a Paschoa incidia ora á segunda ora á terça-feira, e o domingo perdia assim a sua consagração; mais: celebrando elles a Paschoa no mesmo dia dos Judeus, davam a esta festa uma côr judaica.

Os christãos occidentaes, pelo contrario, celebra-

vam a festa da Paschoa no domingo immediato ao dia 14 de *Nisan;* a festa não correspondia á data precisa da Paixão e Resurreição de Christo, mas convinha ao dia, e o domingo conservava a sua solemnidade. O systema occidental foi imposto pelo Papa S. Victor no fim do seculo II, e depois d'alguma resistencia prevaleceu em toda a Igreja, e a Paschoa ficou sendo sempre no domingo immediato ao dia 14 da lua de março, depois do equinocio vernal.

É necessario advertir que os christãos não conservaram todas as festas judaicas; e mesmo quanto áquellas, que adoptaram, deram-lhes logo, como disse, uma significação apropriada ás suas crenças.

Assim, as festas dos Judeus eram [1] as *Neomenias* ou festas das *Calendas*, na lua nova, em o novo mez, no primeiro dia do mez lunar; todavia a mais solemne das *Neomenias* [2] era a do setimo mez, «festa das Trombetas», pois nesse dia toda a obra servil era prohibida; a festa da Expiação, ou da *Propiciação,* havia sido instituida para a expiação dos peccados,

---

[1] As festas ordinarias prescriptas pela Lei de Moysés comprehendiam ainda: o *Sabbado*, o *Anno sabbatico* e o *Anno jubilar;* o *Sabbado* era o setimo dia da semana, e deu origem ao *Anno sabbatico*, que succedia todos os sete annos, assim como no fim de sete annos sabbaticos seguia o *Anno jubilar*, que era — o *quinquagesimo* anno.

[2] As *Neomenias* não eram rigorosamente festas, pois não estavam inscriptas no respectivo catologo (*Lev.*, XXIII, 2-43); mas sómente occasião de sacrificios (*Num.*, XXVIII, 11-15); *Ibidem,* XXIX, 6. Comtudo o seu uso perpetuou-se entre os Judeus.

irreverencias e impurezas commettidas pelo povo hebreu no decurso do anno; a festa da *Paschoa*, a mais solemne de todas, fôra estabelecida em memoria da miraculosa saída do Egypto e da conservação dos primogenitos dos Hebreus, poupados pelo Anjo exterminador, que matou os primogenitos dos Egypcios; a festa do *Pentecostes* celebrava-se cincoenta dias depois da *Paschoa*, em commemoração da Lei que Deus tinha dado aos Hebreus no monte Sinai, cincoenta dias depois da saída do Egypto; a festa dos *Tabernaculos* foi fundada para perpetuar a memoria da viagem dos Israelitas através do deserto da Arabia Petreia, onde habitaram em tendas ou tabernaculos. [1]

Além d'estas festas, instituidas pela Lei de Moysés, na Biblia faz-se ainda menção de duas outras solemnidades creadas posteriormente pelos Judeus, a saber: a festa dos *Purim* e a festa das *Encenias*; a festa dos *Purim*, isto é, das *Sortes*, foi instituida pelo judeu Mardocheu, primeiro Ministro d'Assuero, rei da Persia, para commemorar a libertação dos Judeus da Persia, que Aman tinha feito condemnar a uma chacina geral; [2] e as *Encenias* eram as festas da *dedicação* do Templo.

---

[1] Estas trez festas estavam em concordancia com a vida agricola: *Paschoa*, começo da ceifa; *Pentecostes*, a festa da ceifa; *Tabernaculos*, a festa das colheitas e vindimas, e o encerramento do anno agricola. Cf. *Exodo*, XXIII, 14-16.

[2] Cf. *Esther*, cap. IX.

Entre os Judeus havia quatro festas da *Dedicação do Templo*: 1.ª a *dedicação do templo* edificado por Salomão; 2.ª a reconstrucção do templo por Zorobabel; 3.ª a festa da *dedicação* do templo modificado por Herodes, rei da Judêa; e a 4.ª era uma commemoração das cerimonias ordenadas por Judas Machabeu, quando purificou o Templo profanado por Antiocho Epiphanes e mandou fazer uma nova *dedicação*, que foi convertida em festa annual (I *Mach.*, IV-52-59; II *Mach.*, X, 1-8; *S. João*, X, 22).[1] Claro que d'estas festas os christãos adoptaram logo a *Paschoa* e o *Pentecostes*,[2] e na manutenção d'ellas a Igreja quiz fazer commemorações de Christo e do Espirito Santo, os dois termos da economia divina que caracterisavam a novacrença. A festa da *Paschoa* foi consagrada á memoria da obra de Christo neste mundo, realisada na sua Paixão e sellada pela sua Resurreição: *Pascha nostrum immolatus est Christus*;[3] a festa do *Pentecostes* é a da primeira manifestação do Espirito Santo aos discipulos de Jesus Christo, e, portanto, da fundação

---

[1] Cf. *Introduction hist. et crit. aux livres de l'ancien et du nouveau Testament*, J. B. Glaire, II, pag. 379.

[2] As festas das *Neomenias*, da *Propiciação* e dos *Tabernaculos*, bem como a solemnidade dos *Purim*, foram absolumente rejeitadas. Das *Encenias* fallaremos opportunamente em paragrapho especial.

[3] I *ad Cor.*, V, 7.

da Igreja. Historicamente os factos commemorados aconteceram no tempo d'aquellas festas judaicas; era, portanto, natural que a ellas ficassem ligados. Assim tambem a liturgia da Paixão, ou antes da Semana santa, está impregnada d'um caracter intensamente *local*; parece que se desenvolveu em grande parte sob a influencia das recordações ligadas ao Monte das Oliveiras, ao Golgotha, á Gruta do Santo Sepulchro; é mesmo possivel que neste ponto a liturgia das outras igrejas seja tributaria da de Jerusalem.

O officio do *Domingo dos Ramos* na liturgia actual tem semelhanças flagrantes com o que se fazia em dia egual, no seculo IV, naquella cidade.

Pelas cinco horas da tarde lia-se na igreja chamada *Imbomon*, no cimo do Monte das Oliveiras, d'onde o Senhor subiu ao céo, a parte do Evangelho, que relata a entrada de Christo em Jerusalem. O Bispo saía então da igreja, seguido do povo, cantando hymnos e antiphonas, acompanhadas sempre d'este estribilho; *Benedictus qui venit in nomine Domini.* Todas as creanças eram portadoras de ramos de palmeira e de oliveira, e o Bispo, que representava o Senhor, como elle ia montado num jumento, desde a Montanha das Oliveiras á Igreja da Ressurreição; as pessoas de qualidade d'um e d'outro sexo acompanhavam do mesmo modo o prestito, que caminhava a passo para não fatigar o povo.

Este caracter local, particular a Jerusalem, nota-se nos outros dias da Semana sagrada.

A *Quinta-feira santa* é o anniversario da instituição da Eucharistia.

A procissão e as honras de que é cercada neste dia a hostia santa são uma recordação d'estes factos. Muitas igrejas conservam ainda o rito do Lava-pés ou Mandato, que o Senhor praticou antes da ultima Ceia, e que teve durante muito tempo uma grande importancia liturgica. É um dos ritos da liturgia primitiva.

Neste dia, tambem os penitentes, depois de terem expiado os seus peccados durante a Quaresma e de se haverem preparado para a absolvição pelo jejum e pela oração, eram recebidos na Igreja; todavia tudo o que respeitava á liturgia dos penitentes desappareceu pouco e pouco.

Comtudo a mais notavel cerimonia d'este dia é a Benção dos oleos, que se pratica ainda em todas as cathedraes e que se relaciona com o Baptismo. Simultaneamente benze-se o oleo, que ha de servir para a uncção dos catechumenos, chamado *Oleo dos catechumenos*, o dos enfermos para o sacramento da Extrema-uncção, e o santo Chrisma (mistura de oleo e balsamo) para o Baptismo e Confirmação. As formulas e os ritos são antiquissimos; porém a distincção entre estas trez grandes cerimonias era outr'ora mais precisa ainda, porque havia neste dia trez missas: uma para a absolvição dos penitentes, outra para a benção dos oleos, e a terceira para o anniversario da instituição da Eucharistia.

Os trez ultimos dias da Semana santa são no seu aspecto liturgico os mais importantes do anno, por-

que conservaram os ritos dos tempos mais remotos; todavia entre todos destacam-se os da *Sexta-feira santa*, onde se encontram quatro camadas ou estratificações bem distinctas de ritos, que pertencem a liturgias differentes: 1.ª a antiga synaxe *aliturgica;* 2.ª as orações litanicas; 3.ª a adoração da cruz; 4.ª a missa dos presantificados.

Em primeiro logar encontra-se no missal romano uma leitura d'Osèas, outra do Exodo, e a do Evangelho, cortadas de tractos e orações; é o typo mais antigo da reunião sem a celebração da Eucharistia; as preces ou admonições com o convite a orar, o *Flectamus genua*, e a oração propriamente dita são outro typo de supplicas que se faziam na maior parte das reuniões antigas; a adoração da cruz e a missa dos presantificados são duas cerimonias adventicias, que pertencem, a primeira á liturgia de Jerusalem, com orações d'uma côr gallicana, e a segunda á liturgia grega.

A *peregrina* [1] de Jerusalem no IV seculo conta-nos que nesta cidade, em *Sexta-feira santa*, ás oito horas da manhã, se reuniam o clero e o povo na Igreja do Calvario, onde se conserva a verdadeira cruz do Salvador. O Bispo assentava-se na sua cadeira, e deante d'elle collocava-se uma meza coberta com uma toalha; os diaconos ficavam de pé em volta da meza.

---

[1] Cf. *Peregrinatio Silviae* nas *Orig. du Culte Chrétien* de Duchesne, pag. 516.

Em seguida trazia-se o relicario de prata dourada, abria-se, e depunha-se em cima da meza o lenho sagrado e o titulo da cruz. O Bispo estendia a mão sobre a santa reliquia e os diaconos vigiavam com elle, [1] em quanto os fieis e os catechumenos desfilavam um por um deante da meza, inclinavam-se, e beijavam a cruz. Esta cerimonia durava toda a manhã; as leituras e o relato da Paixão fazia-se de tarde.

A Missa chamada dos *presantificados* é uma cerimonia, em que não se consagra nem o corpo nem o sangue de Christo, mas consomem-se as santas especies consagradas na vespera.

Na Igreja grega, durante a *Quaresma*, actualmente só ha Missa nos sabbados e domingos; nos restantes dias celebra-se apenas a Missa dos *presantificados*. A Igreja latina não conservou d'este rito antigo senão o unico exemplo da *Sexta-feira santa*. Recita-se simplesmente o *Pater* e as orações da communhão.

O *Sabbado santo* não é inferior á Sexta-feira na variedade e antiguidade dos ritos. Primitivamente não havia serviço especial para este dia. Todo o cerimonial do Sabbado pertencia á *Vigilia da Paschoa*

---

[1] Esta vigilancia era precisa, a fim de evitar a repetição do attentado commettido por um fiel pouco escrupuloso, que com os dentes, quando beijava a cruz, chegou a arrancar um bocado para fazer uma reliquia. Cf. cit. *Peregrinatio Silviae*.

e cumpria-se em a noite do Sabbado para o Domingo.[1]

Tambem neste dia se devem distinguir muitos ritos de procedencias diversas que se ajuntaram: 1.º a benção do fogo novo, do incenso e do cirio paschal; 2.º as leituras; 3.º a benção das fontes ou pias; 4.º as litanias e a missa.

Tem-se discutido muito ácerca da origem e significação d'estes ritos, que são d'um symbolismo profundo e que podem ser considerados como sendo os mais bellos do culto christão. Estes ritos teem certamente uma relação estreita com a festa paschal; o fogo novo, o incenso e o cirio symbolisam a seu modo a Resurreição de Christo, a sua victoria sobre a morte e sobre as trevas, como no-lo indicam as formulas empregadas na benção; todavia o sabio Cabrol[2] pensa que estes ritos são com algumas variantes os do *Lucernarium*,[3] isto é, do officio quotidiano da tarde (Vesperas e Completas), do *sacrificium vespertinum*,

---

[1] Isto explica a razão porque se ouve a *Alleluia*, com as notas festivas que a acompanham, algumas horas antes d'aquella em que Jesus Christo resuscitou. Cf. cit. *Peregrinatio Silviae*.

[2] Cf. *Le livre de la prière antique*, pag. 223 e 256.

[3] O nome de *Lucernarium* provinha a este officio do grande numero de lumes que se accendiam na igreja, não só pela illuminação, mas tambem pelo symbolismo. No IV seculo não havia de tarde em Jerusalem senão o grande officio do *Lucernarium*, que comprehendia o que nós hoje chamamos Vesperas e Completas. As Completas saíram do *Lucernarium*, como as Laudes das Matinas, e as Vesperas, que resultaram

que se fazia com as mesmas cerimonias, benção do fogo, dos cirios e do incenso, com uma allusão á Resurreição de Christo, como as *Laudes*, officio da manhã. De modo que, na opinião d'aquelle douto benedictino, o Sabbado santo conservou quasi intacta uma parte do velho officio do *Lucernarium;* e isto não deve causar extranheza, porque, como é geralmente sabido por todos os liturgistas, o caracter d'estes trez dias da Semana santa é, como disse, de ter conservado muitas cerimonias antigas, desapparecidas nos outros officios.

Quanto á leitura das Prophecias entremeadas de tractos e orações, essas leituras são, como as da *Sexta-feira santa*, um dos mais antigos typos da Vigilia, e tĩnham por objecto principal a instrucção dos catechumenos.

A benção das fontes estava naturalmente indicada no *Sabbado santo*, pois que era durante a noite que os catechumenos recebiam o Baptismo.

A Missa não tem introito; começa, conforme o rito anterior ao IV seculo, pelas *litanias* que ahi se manteem na sua integridade com todas as invocações, [1]

---

d'este desdobramento, foram compostas sobre o mesmo modelo que as Laudes. O nome de *Laudes* deriva dos trez ultimos psalmos (148, 149, 150), que são consagrados especialmente a louvar a Deus (*laudare*, louvar).

[1] Nas missas dos outros dias do anno a *litania* foi reduzida á sua expressão mais simples: apenas ficaram as nove invocações iniciaes *Kirie eleison*, *Christe eleison;* o resto foi supprimido, e o povo não intervem.

e apresenta poucas particularidades notaveis, salvo que as Vesperas muito abreviadas cantam se immediatamente depois da Communhão.

A *Paschoa* christã ó precedida de um jejum de quarenta dias, que porisso se denomina *Quadragesima*, *Quaresma*, e seguida d'um periodo alegre de cincoenta dias, que se chama *Tempo paschal* e termina com a festa do *Pentecostes*, festa que os escriptores e concilios da segunda metade do IV seculo mencionam como estabelecida desde longa data, observação esta que deve tambem applicar-se á festa da *Ascensão*, dez dias antes do *Pentecostes*; mas ó impossivel encontrar vestigios della antes do meado do IV seculo.

Quanto á *Quaresma*, o pensamento que a domina é o jejum de Jesus Christo no deserto durante quarenta dias, embora a sua duração e rigor d'observancia variasse com os tempos e logares.

Da *Quarentena* (*Quadragesima*) não ha indicios anteriores ao IV seculo; pois o documento mais antigo que a menciona é o canon quinto do Concilio de Niceia (325).

A estructura da liturgia quaresmal resente-se de dois elementos importantes, que ó necessario ponderar. O primeiro ó que a *Quaresma* era uma preparação para o Baptismo, que na antiguidade se conferia aos adultos em a noite de *Paschoa*. Os catechumenos preparavam-se para este grande acto durante aquelles quarenta dias.

O segundo ó que a *Quaresma* era ainda a epoca

em que os christãos, accusados de faltas graves, se submettiam a uma penitencia severa; no principio da *Quaresma* elles cobriam a cabeça com cinza em signal de penitencia e de lucto; e o rito que hoje se pratica na quarta-feira de Cinza, e se applica presentemente a todos os christãos, é uma recordação d'aquelle facto.

A *Peregrinatio Silviae* tantas vezes citada, além de nos descrever o jejum e o serviço religioso da *Quaresma* no IV seculo em Jerusalem, tambem menciona as festas do *Pentecostes*, alli celebradas na mesma epocha.

A festa da *Ascensão, quarenta dias depois da Paschoa*, fazia-se em Bethléem na igreja [1] levantada no logar da *Gruta*, onde havia nascido o Salvador.

Jerusalem dista approximadamente dez kilometros de Bethléem, e para aqui se dirigiam os christãos d'aquella cidade no IV seculo, a fim de celebrarem a Vigilia da festa da *Ascensão,* que terminava pela prégação e missa dita na quinta-feira pelo Bispo acompanhado do clero.

No *quinquagesimo dia depois da Paschoa* fazia-se então a festa do *Pentecostes* com notavel esplendor, pois que se extendia desde a meia noite de Sabbado até á meia noite de Domingo.

---

[1] Esta Basilica é fundação de Santa Helena, mãe de Constantino Magno, e ainda conserva o cunho da sua alta antiguidade. A igreja, pela mesma Santa edificada no logar da Ascenção no Monte das Oliveiras, já não existe.

Começava a festa pela Vigilia da estação nocturna em a *Anastasia* ou Basilica do Santo Sepulchro, onde o Bispo lia o Evangelho da Resurreição e se faziam os mais officios quotidianos do costume. De manhã dirigiam-se todos para a Basilica maior ou *Martyrium*, a fim de assistirem á missa e prégação usual do domingo.

D'aqui, antes das nove horas, partiam para Sião, onde estava o santo *Cenaculo*, no qual se havia construido a primitiva Cathedral de Jerusalem, e alli procedia-se á leitura do capitulo II dos *Actos dos Apostolos*, o qual relata a descida do Espirito Santo, pois que este logar fôra o theatro de tão importante acontecimento; depois, pela sua ordem, celebrava-se missa, no fim da qual se despedia o povo com o aviso feito pelo Arcediago de que devia comparecer após o meio dia no Monte das Oliveiras, distante um kilometro da cidade.

Immediatamente ao jantar a multidão subia o Monte das Oliveiras até ao *Imbomon*, igreja edificada no logar onde o Senhor ascendeu ao céo, e ahi compareciam o Bispo e clero, a fim de se lêr a passagem do Evangelho relativa á Ascensão do Senhor e o capitulo I dos *Actos dos Apostolos*, que trata do mesmo assumpto.

Pelas trez horas da tarde descia-se para a outra Igreja da escarpa do Olivete, chamada *Eleona*, na qual está a gruta, onde o Senhor ensinava os Apostolos, e alli, pelas quatro horas, começava o *Lucernarium* (Vesperas e Completas). Em seguida organi-

sava-se uma procissão, que chegava ás portas da cidade já de noite, e d'aqui, levando os ecclesiasticos velas accesas, dirigia-se o prestito presidido pelo Bispo em visita aos trez sanctuarios, *Martyrium, Anastasia* e *Cruz*, e ia terminar em Sião na igreja do Santo Cenaculo, onde concluia pela missa e beija-mão do Bispo cêrca da meia noite.

D'este estudo rapido das festas mudaveis do Christianismo poderá inferir-se que, se o anno liturgico não é mais do que a revolução do anno em volta de Christo e a reproducção dos principaes acontecimentos da sua vida, o systema liturgico quotidiano está da mesma forma estreitamente ligado a elle, pois que saiu todo da Ceia ou da refeição de Christo; a instituição da Eucharistia é o seu ponto central e exerce a sua lei de attracção sobre todo o culto catholico. D'este fóco irradiam a luz e o calor sobre toda a vida christã.

CAPITULO II

As festas fixas

I

Natale Domini et Natale S. Joannis

Em harmonia com a doutrina já por mim expendida de que todas as festas do anno gravitam em volta das duas grandes festas do Senhor, *Natal* e *Paschoa*, que são como os dois pólos do anno christão, tendo tractado na primeira parte d'este modesto trabalho das *festas moveis*, que teem a sua base reguladora na festa da *Paschoa*, segue-se naturalmente agora estudar o segundo ponto cardeal do anno ecclesiastico, que é a festa do *Nascimento de Christo*.

Como a Paschoa, esta festa, uma vez determinada, marca um grande numero d'outras.

A respeito da origem da festa do *Natal*, no estado actual da sciencia, sabe-se apenas o seguinte: que no *fim do terceiro seculo* se havia estabelecido em toda a Igreja a pratica de celebrar o anniversario do Nascimento de Christo; não havia, porém, uniformidade no dia, porquanto no Occidente escolheram o dia 25 de dezembro, e no Oriente o dia 6 de janeiro.

Este anniversario, com o nome de *Natal*, é uma festa propria da Igreja latina; pois que as igrejas orthodoxas do Oriente chamavam-lhe a festa «das Apparições», a *Epiphania*, em que celebravam a triplice commemoração do Nascimento de Christo, da sua Adoração pelos Magos, e do seu Baptismo por S. João Baptista.

Estas duas praticas, a principio distinctas, acabaram por combinar-se, de maneira que as duas festas foram observadas universalmente no V seculo.

Qual o motivo d'esta differença de datas na commemoração d'um facto tão importante, como é o Nascimento do Salvador?

Certamente porque o Evangelho é omisso quanto ao mez e dia do Nascimento de Christo, e nem ha mesmo tradição auctorisada a tal respeito.

Como se chegou, pois, á fixação d'aquellas duas datas?

Para isso tem sido propostos varios systemas, que os leitores estudiosos poderão vêr nas *Origines du Culte Chrétien*, de Duchesne, [1] onde estão indicados. Afinal não passam de meras conjecturas, pois certeza historica não ha.

A attestação mais antiga da solemnidade do *Natalis Domini* em Roma é o *Calendario Liberiano* ou *Philocaliano*, assim chamado porque foi organisado em 354 por Furio Dionysio Philocalo, de ordem do

---

[1] Pags. 261-271.

Papa Liberio. Este Calendario, o mais antigo que possuimos, consta de diversos documentos profanos e ecclesiasticos de grande preço ou valor archeologico. O primeiro da collecção ecclesiastica, e que importa ao nosso caso, é o *Feriale Romanum*, que comprehende as festas mais notaveis dos martyres e as solemnidades do *Natalis Domini* e *S. Petri de Cathedra* (Natal e Cadeira de S. Pedro). [1] Alguns auctores chamam tambem a este documento ou taboa — *Depositio martyrum*, onde se encontra a seguinte indicação: VIII *Kal. jan. natus Christus in Betleem Judee.* [2]

Quanto á festa da *Epiphania*, a mais antiga menção, que d'ella se encontra, está na *paixão* de S. Philippe, bispo de Heraclêa, na Thracia, a proposito d'um acontecimento do tempo da perseguição de Diocleciano, principio do IV seculo (303-304). [3] A *Peregrinatio Silviae* (por 385) tambem a menciona.

Tudo isto ahi fica para confirmar as affirmações precedentemente feitas sobre a antiguidade d'este anniversario festivo, embora com differentes nomes e em

---

[1] Cf. *Notiones Archaeologiae Christianae, auctore* Padre Syxto, I, pags. 29 e segg.

[2] Cf. *Man. d'Archéologie Chrétienne*, de Leclercq, I, pags. 68 e 69, e cit. *Orig. du Culte Chrétien*, de Duchesne, pag. 262.

[3] Ruinart, c. 2.

diversas datas, segundo o estylo ou uso primitivo da Igreja latina e da Igreja grega.

Ha uma indicação apresentada por alguns escriptores que em absoluto não deve ser posta de parte, pois poderia ter influido directa ou indirectamente sobre as decisões ecclesiasticas para a fixação da festa do *Natal do Senhor* no dia 25 de dezembro. Essa indicação foi suggerida pela festa do *Natalis Invicti* (s. c. *Solis*), marcada a 25 de dezembro na secção profana do citado *Calendario Liberiano* ou *Philocaliano.*

O *Invictus* é o Sol, cujo nascimento coincide com o solsticio do inverno, isto é, com o dia 25 de dezembro, segundo o Calendario astronomico.

O culto mithriaco, e, d'um modo mais generico, o culto do Sol, teve bastante relevo e popularidade nos seculos III e IV; todavia posto que Mithra recebesse tambem o epitheto de *Sol invictus*, as duas divindades não devem identificar-se sem restricções; porque os deuses solares semiticos eram differentes de Mithra pela sua origem e pelo seu caracter. Não ha duvida, porém, de que se attribuiram a Mithra diversas propriedades dos deuses solares, [1] e de que o seu nascimento [2] era celebrado a 25 de dezembro.

---

[1] Cf. *Man. d'Hist. des Religions*, de Chantepie, pag. 658.

[2] Os Romanos celebravam naquella data a grande festa de Mithra, que os Persas chamavam a *Noite de luz* ou o *Nascimento de Mithra*, festa aliás espalhada em todo o Imperio, sobretudo na Gallia e Grã-Bretanha, e que os antigos Drui-

É possivel, portanto, que a Igreja romana escolhesse este dia para o Natal de Christo, a fim de fazer concorrencia ao mithriacismo, [1] pois esta religião durante algum tempo pretendeu disputar a victoria ao Christianismo, que se preparava para recolher, como de facto recolheu, a herança do mundo antigo.

Determinada a festa do *Natal de Christo* em 25 de dezembro, estava indicado o *Natale* de S. João Baptista para 24 de junho, pois o Evangelho affirma que o nascimento do Precursor devia ter precedido seis mezes o do Salvador. [2] A festa marcou-se a 24

---

das solemnisavam por uma illuminação geral. Cf. *Œuvres,* de Augusto Nicolas, Parte III, Tomo IV, pag. 24. As analogias encontradas por alguns auctores entre o nascimento de Christo e o nascimento de Mithra, são explicadas segundo outros por copias que os povos pagãos fariam dos Livros Sagrados dos Hebreus, para d'elles tirarem as imagens das suas divindades.— *Et expanderunt* (*Judas et fratres, ejus*) *libros legis* **de quibus scrutabantur Gentes similitudinem simulacrorum suorum,** (*Machabeus*, lib. I, III, 48). D'este modo a festa de Mithra seria uma festa patriarchal, imaginada conforme as noções propheticas sobre o nascimento do Messias, porque o verdadeiro sentido d'esta palavra, dizem elles, é Mediador (ou Mithra) na lingua persa. Este systema religioso de Mithra, continuam elles, derivou do Messias, esperado por todos desde o principio do mundo. Cf. *Œuvres*, de Nicolas, IV pag. 25.

[1] Cf. *Ob. cit.* de Duchesne, pag. 265.

[2] *Luc.,* I-36. Esta data determinou tambem a festa da Circumcisão, oito dias depois do nascimento (Levit., XII-3), a qual não é d'origem romana. Desde o seculo VII havia em Roma, no dia primeiro de janeiro, uma estação solemne no Pantheon, conhecido pelo nome ecclesiastico de basilica de *Santa*

e não a 25 de junho; porque, segundo o calendario romano, o dia 24 de junho é o *VIII kal. jul.*, como o dia 25 de dezembro é o *VIII kal. jan.*

Estas duas festas são, pois, ambas d'origem occidental, tendo a do Santo Precursor a sua attestação mais antiga nos sermões (196 e 287) de Santo Agostinho (354-430); todavia no meado do seculo V todos os documentos do uso latino testemunham a sua existencia.

Maria ad Martyres, depois que este templo pagão se converteu em templo christão; mas a designação official da festa era *Octavas Domini*, uma especie de renovação da solemnidade do Natal, com uma preoccupação singular da Virgem-mãe. Pelo contrario os mais antigos calendarios bysantinos apresentam no primeiro de janeiro a dupla festa da Circumcisão de Christo e do anniversario de S. Basilio.

Em França a *Circumcisão* apparece só e cedo, pois encontra-se mencionada no canon 17 do Concilio de Tours, anno 567. Comtudo parece que esta festa substituira o jejum solemne, que naquella epocha do anno fôra instituido para desviar os fieis dos divertimentos carnavalescos d'origem gentilica, que se realisavam no primeiro de janeiro (*Calendas de janeiro*), consagrados pelos antigos Romanos a Jano. Cf. Ovidio, *Fastos*, traducção de Castilho, I, pags. 9 e segs., d'onde se vê que alguns dos nossos costumes d'esta quadra do anno são de procedencia romana, por ex.: estrêas ou *janeiras*, boas-festas, etc. Martigny, no seu *Dict. des Antiquités Chrétiennes*, vb. *Fêtes immobiles*, pag. 267, diz que a Igreja, fixando no primeiro de janeiro a festa da Circumcisão, teve por fim apagar os restos de superstição pagã, que perseveraram neste dia durante muito tempo no proprio Christianismo; assim os antigos missaes tinham duas missas: uma da Circumcisão, e outra com esta rubrica — *Missa ad prohibendum de idolis.*

De modo que o Nascimento de Christo coincidiu com o *solsticio do inverno,* como o Nascimento do Precursor com o *solsticio do verão.*

D'ahi a analogia entre alguns ritos e lendas populares das festas do Natal e do S. João, a qual se reconhece pelo sentido solar dos mesmos, e que são sobrevivencias pagãs de pristina ascendencia certamente pre-romana, pois Salomão Reinach enumera entre os ritos celticos do culto do Sol as fogueiras saltadas do S. João [1] bem como as rodas de fogo (imagem do Sol) das festas campesinas do mesmo Santo (24 de junho). [2]

---

[1] As *alcachofras*, que os namorados deitam nas fogueiras do S. João, são tambem a imagem do sol. Cf. *Lendas Christãs*, pag. 80.

[2] *Orpheus*, pag. 171 e 183. Vid. *Fastos de Ovidio,* traducção de Castilho, III, parte II, pags. 456 e segg., nota sobre as *Fogueiras* á pag. 123 — vers. 14. Ahi diz-se em resumo que a tenacidade e quasi universalidade d'este uso das fogueiras, no estio abrazador e de noite, e o costume de saltar por cima d'ellas, representam um culto primitivo e um mysterio, ou uma purificação pelo fogo, e por tanto de origem pre-celtica ou mesmo pre-historica. Comtudo Auber, na cit. *Hist. et Théorie du Symbolisme religieux*, IV, pag. 181, sem pôr de parte a ideia de que muitas superstições e crenças populares estão misturadas com as festas da vespera do São João, entende que essa manifestação traduz as palavras propheticas do Anjo a Zacharias: «A multidão se regozijará no seu nascimento»: *Et multi in nativitate ejus gaudebunt.* Luc., I, 14.

Entre nós ha ainda a scena popular da *Serração da Velha,* que se effectua na quinta-feira da terceira semana da

O cepo do Natal e as superstições inherentes são pelos archeologos consideradas vestigios ou fragmentos do paganismo, [1] certamente do culto do fogo, e por conseguinte tambem do Sol que lhe foi associado.

A festa do Natal é caracterisada pela celebração de trez missas, a primeira á meia noite (*ad galli cantum*), a segunda na aurora, e a terceira de manhã. Esta pratica existia já no seculo VI e S. Gregorio menciona-a em uma das suas homilias.

No começo do V seculo havia apenas uma só Missa, a da manhã; celebrava-se em S. Pedro.

O Papa Celestino recebeu no dia de Natal do anno 431 as cartas que o informavam do resultado do Concilio de Epheso e fê-las lêr «na reunião de todo o povo christão em S. Pedro».

O successor de Celestino, Sixto III, fez reconstruir a basilica liberiana do Esquilino [2] e deu-lhe o titulo de Santa Maria, e só desde então é mencionada a estação ou missa nocturna do Natal, que sempre foi celebrada nesta igreja.

Ha aqui evidentemente uma imitação do que se

Quaresma *(metade da Quaresma)*, o que é outro costume proveniente da degeneração de antigos mythos da Natureza. [1]

---

[1] Cf. *Hist. do Museu Etnologico Portuguez*, pag. 233.

[1] Cf. *Religiões da Lusitania*, III, pag. 597.

[2] Esta parte do Esquilino é chamada *Esquilinus Cispius* em opposição ao *Esquilinus Oppius*, onde se encontra a igreja

fazia em Jerusalem no IV seculo; [1] pois a festa do Nascimento do Salvador era alli solemnisada por uma estação e missa de noite em Bethléem e outra missa de dia mesmo em Jerusalem, para onde os fieis voltavam d'aquella cidade em procissão. A Basilica de Santa Maria Maior era considerada como sendo uma representação romana de Bethléem, porque Sixto III tinha posto na basilica uma reproducção ou imitação do presepio *(praesepe)*, como havia uma do Sepulchro em Santa Cruz. De modo que nesse subterraneo, onde se encontravam talvez fragmentos ou reliquias (pedras da gruta), vindas de Bethléem, devia celebrar-se a primeira missa papal, a segunda era celebrada em Santa Anastasia, igreja situada ao pé do Palatino, e a terceira era cantada no altar superior da referida Basilica de Santa Maria Maior.

Santa Anastasia de Sirmium tinha-se tornado muito popular em Constantinopla desde a trasladação das suas reliquias sob o patriarcha Gennadio (458-471).

A colonia bysantina que se formou em Roma no meado do VI seculo installou este novo culto no velho *titulus Anastasiae,* e, como esta igreja era a mais consideravel do bairro grego, a festa da sua padroeira manteve-se, apesar da sua coincidencia com a festa

---

de S. Pedro *ad vincula.* O *Esquilino* primitivamente ficava fóra da cidade e d'ahi o seu nome, pois os habitantes d'esta chamavam-se «*inquilini*».

[1] Cf. *Peregrinatio* cit.

do Natal, instituindo-se para isso uma terceira estação collocada entre a da noite e a do dia.

Claro que fóra de Roma, onde não existia igreja de Santa Anastasia nem colonia bysantina, não havia razão para celebrar o anniversario da martyr de Sirmium; todavia adoptou-se e conservou-se a pratica das trez missas, mas a da aurora foi como as duas outras consagrada a honrar a Natividade do Salvador, fazendo-se de Santa Anastasia apenas uma simples commemoração.

O Natal, como a Paschoa, era tambem precedido d'um jejum preparatorio mencionado por Philastrio [1] († 387) já no IV seculo, jejum que deu origem á solemnisação especial das quatro semanas antes do Nascimento do Menino Deus, conhecidas pelo nome de *Advento*, já indicado nos livros liturgicos romanos do oitavo seculo.

O *Advento* (chegada, vinda) é, pois, uma epocha de preparação para a festa da Natividade do Salvador, o qual não só representa o longo periodo de seculos que precedeu a vinda do Messias, mas ainda no pensamento da Igreja é uma disposição para a segunda vinda de Jesus ao mundo. [2]

De modo que este periodo liturgico tem duas portas; uma que abre sobre o passado e outra sobre o

---

[1] PHILASTRIUS, *Haer.*, 119.

[2] No Symbolo confessamos que Jesus Christo ha de vir no fim do mundo para *julgar os vivos e os mortos.*

futuro: d'um lado põe em perspectiva os milhares d'annos durante os quaes a humanidade esperava o seu Redemptor, do outro os seculos que decorrerão até á hora do cataclysmo final, em que sossobrará o nosso planeta. Este duplo caracter do *Advento* encontrou uma bella imagem na aguia de duas cabeças do brazão da Russia, onde uma cabeça contempla a Asia e a outra ameaça o Occidente; á entrada d'esta estação liturgica poderia collocar-se a aguia de duas cabeças, uma voltada para o passado e a outra para o futuro. [1]

II

As festas da Virgem Maria

As pinturas das Catacumbas mostram-nos Christo sob a fórma d'um pastor, no centro d'uma abobada, em volta da qual estão representadas as estações do anno por figuras symbolicas. Ou seja mero acaso ou seja symbolismo, essas pinturas exprimem um pensamento profundo: Christo está no meio dos tempos, é o centro do anno liturgico. As outras festas, quer da SS. Virgem, quer dos Santos, só entraram no cyclo liturgico depois das festas do Senhor e para lhe servirem de satellites. «*Gaudeamus omnes in Domino*», regosijemo-vos todos no Senhor, diz o *Introito* de

---

[3] Cf. Cabrol, *Ob. cit.* pag. 241.

muitas missas de Santos, regosijemo-nos celebrando a festa em honra d'este santo. Os anjos rejubilam tambem e louvam o Filho de Deus.»

É a theoria dos apostolos, dos martyres, com as suas palmas nas mãos, dos pontifices e dos confessores, das virgens e das santas mulheres, que seguem Christo e formam o seu cortejo.

Mais: sendo a liturgia, no seu sentido amplissimo, o culto prestado a Deus pelos homens, convem saber que o que imprime o caracter essencial a esse culto e o differencia de todos os cultos deistas é que o christão offerece as suas orações *por Christo.*

Na verdade o homem está separado de Deus por um abysmo; Deus é o absoluto, o infinito, o sêr perfeito, tem a plenitude do sêr, possue perpetuamente a vida em toda a sua intensidade; e a Biblia, que é simultaneamente o livro de Deus e o livro dos homens, apresenta-nos esta verdade philosophica debaixo das fórmas mais vivas.

O Filho de Deus, porém, descendo do céo e tomando a carne humana, lançou uma ponte entre o homem e Deus por cima do infinito; é o mediador entre Deus e o homem, o intercessor, o advogado da humanidade junto de Deus; Jesus é o *Emmanuel,* o Deus comnosco; com elle Deus desceu á terra e o homem subiu até ao céo; e eis todo o Christianismo.

Ora esta ideia do mediador entre Deus e o homem, e que constitue a propria essencia da nossa fé, devia ramificar-se ou desdobrar-se. Habituado a procurar um mediador e a refugiar-se no abrigo de

Christo para receber o perdão dos seus peccados, o christão devia pensar n'outros intercessores. Por mais entranhado que seja o nosso affecto a Jesus, ha um não sabemos que temor deante da austeridade dos seus preceitos, do rigor das suas sentenças, e d'aquelle olhar que escrutinava os segredos e as intenções mais reconditas do coração humano. Depois do Filho de Deus, o christão procurou naturalmente refugio junto da sua divina Mãe, e implorou a protecção dos amigos de Deus, que, tendo soffrido a morte pelo seu amor, gozam junto d'elle da paz e da felicidade eterna. Demais: esses protectores secundarios não diminuem em nada a missão do mediador soberano, pelo contrario poem-na em destaque; nós pedimos a protecção dos santos, porque elles são os amigos do Senhor; foram homens, simplesmente homens, peccadores como nós; luctaram, foram coroados como bons e fieis servos, e agora estão junto de Deus promptos a intervir em nosso favor.

A piedade christã, acima de todos os Santos, poz a Virgem Maria, em virtude do mesmo principio: é que ella está mais perto de Deus, por ser a Mãe de Jesus Christo; d'ahi o logar eminente que tem na liturgia; por isso não admira que as festas mariaes no seu desenvolvimento progressivo seguissem um caminho parallelo ao das festas do Senhor.

Os principaes acontecimentos da sua vida tomaram logar no cyclo liturgico e converteram-se em festas; muitas até foram estabelecidas em memoria e á imitação das do Salvador.

Assim, coordenadas com a festa do *Natal do Senhor* estão as duas mais antigas festas da SS. Virgem, a *Purificação* e a *Annunciação*, que no principio commemoraram mysterios do Senhor; pois a Purificação era a Apresentação de Jesus no Templo, como a Annunciação era a Encarnação do Verbo.

Portanto, a Annunciação devia ser celebrada nove mezes antes do Natal, isto é, a 25 de março, e a Purificação seguiria quarenta dias o Nascimento do Salvador, caíndo a 2 ou a 14 de fevereiro, conforme se tomasse para ponto de partida o Natal ou a Epiphania.

A mais antiga d'estas festas é, sem duvida, a da Purificação, que em Jerusalem encontramos instituida já na segunda metade do IV seculo com o nome de *Quadragesimae de Epiphania;* e, como não havia ainda a festa do Natal, a festa da Apresentação era celebrada com a mesma solemnidade que a da Paschoa no quadragesimo dia depois da Epiphania, e portanto, como disse, a 14 de fevereiro. [1]

Um edicto de Justiniano promulgado em 542 mandou solemnizar esta festa em Constantinopla.

A festa da Annunciação em 25 de março é attestada pelo *Chronicon Paschale* (primeira metade do seculo VII), o qual falla d'ella como d'uma instituição estabelecida, e é possivel que em alguns logares ascenda ao seculo V.

---

[1] Nas prégações d'este dia, então e hoje, commentava-se o texto do Evangelho de S. Lucas, II, 22 segg.

O que é certo é que em Hespanha a festa da Annunciação foi fixada pelo x concilio de Toledo (anno 656) para o dia 18 de dezembro, oito dias antes do Natal. O concilio reconheceu que esta festa, que é a da Encarnação do Verbo, deveria ser feita a 25 de março por ser o dia proprio, mas a concorrencia da Quaresma e das festas paschaes não permittiam adoptá-la. Mais tarde, no tempo de Santo Ildephonso, arcebispo de Toledo († 667), entendendo a Igreja de Hespanha que devia conformar-se com a Igreja de Roma, cabeça e mestra de todas as outras, e que celebrava a festa da Annunciação a 25 de março, resultaram d'ahi na Peninsula duas solemnidades: uma a 25 de março em harmonia com a Igreja de Roma, e outra a 18 de dezembro, oito dias antes do Natal, conforme o estabelecido no citado concilio de Toledo, recebido por todas as igrejas de Hespanha, e passando esta segunda festa a chamar-se *Expectação* (*do parto*) *de Nossa Senhora*, ou ainda *Nossa Senhora do O'*, por causa do desejo que mostra a Igreja durante estes oito dias de vêr nascer o Salvador, e pelos votos que faz e exprime por meio d'umas antiphonas de Vesperas que começam sempre pela lettra O.

As duas festas já referidas, a *Purificação* e a *Annunciação*, bem como duas outras commemorações de Nossa Senhora, *Natividade* (8 de Setembro) e *Assumpção* (15 d'agosto), as quaes o Concilio de Constantinopla, chamado *in Trullo* ou *Quinisexto* (692), menciona integralmente, são ainda attestadas

em Roma no tempo do Papa Sergio I (687-701), [1] e marcadas no *Sacramentario Gelasiano,* do principio do seculo VIII, o que mostra o seu uso romano desde o seculo VII.

Estas quatro festas são, para o Occidente, d'importação bysantina, e em Roma não existiram antes do seculo VII.

Comtudo devo dizer que a posterioridade da instituição d'estas festas de Nossa Senhora não enfraquece de modo algum a anterioridade e antiguidade do seu culto; porquanto, embora não possa affirmar-se que as imagens da SS. Virgem, repetidas muitas vezes nas paredes das Catacumbas, fossem desde logo objecto d'um culto, pois nos primeiros seculos houve muito cuidado em afastar tudo o que tivesse semelhança com a idolatria, é certo que ellas tambem não podem explicar-se sem uma devoção especial para com a *Mãe de Deus.* Sendo necessario, porisso, approximar esses monumentos das mais antigas orações liturgicas, dos escriptos dos Padres, e dos Escriptores ecclesiasticos dos primeiros seculos, uns e outros attestam que os christãos não esperaram pelo Concilio d'Epheso (431) para unirem no mesmo culto Maria ao seu Filho.

Demais, antes d'aquelle Concilio já havia templos dedicados á SS. Virgem; a propria igreja cathedral, onde elle se reuniu, era consagrada a *Santa Maria,*

---

[1] *Liber Pontificalis*, t. I, pag. 376.

e em Roma a basilica palatina do Forum tinha sido no fim do IV seculo transformada em igreja christã com a invocação de *Santa Maria Antiqua*, assim chamada por ser a mais antiga igreja erigida naquella cidade em honra da SS. Virgem; pois a Basilica de *Santa Maria Maior* não fôra primitivamente destinada ao culto especial da Mãe de Deus, mas só tomou aquelle titulo depois da reconstrucção ordenada por Sixto III (432-440) para commemorar a definição do citado Concilio de Ephéso sobre a Maternidade divina de Maria (431). [1]

Os Padres d'este Concilio, isto é, os bispos reunidos em numero de 200, com o assentimento do Papa S. Celestino I e o beneplacito do Imperador Theodosio II, condemnaram os erros de Nestorio, bispo de Constantinopla, que distinguia em Christo duas pessoas, e conferiram á SS. Virgem o titulo de *theotokon (Deipara)*, que quer dizer **Mãe de Deus**. Os Prelados foram enthusiasticamente acclamados por todo o povo, de noite, quando saíram da Igreja, e acompanhados ás suas respectivas residencias com archotes, como em triumpho, illuminando tambem toda a cidade. Foi desde então que á *Saudação Angelica* se accrescentaram estas palavras: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis;* e que o imperador Theodosio e sua irmã Pulcheria edificaram em Constantinopla, com o titulo de *Mãe de Deus*, o majestoso templo chamado *in*

---

[1] Cf. *Man. d'Archéologie Chrét.* de Marucchi, pag. 335.

Balchermis; e Sixto III mandou decorar com mosaicos representativos das scenas do Evangelho, que demonstram a unidade de pessoa em Christo, o *Arco triumphal* á entrada da abside ou capella-mór da Basilica liberiana, chamada depois, como disse, de Santa Maria Maior.

Finalmente a Igreja Catholica, annullando o falso titulo de *Mater Deûm,* que o Gentilismo tinha attribuido á sua fabulosa Cybele, [1] fez admittir como verdade incontestavel de Fé que aquelle titulo de verdadeira Mãe do verdadeiro Deus sómente convinha a Maria Santissima, verdadeira Mãe do Filho de Deus. E até por coincidencia notavel, sendo as *Hilarias* festas pagãs em honra de Cybéle (*Mater Deûm*), celebradas no dia 25 de março, conforme o Calendario romano, a festa da *Annunciação de Nossa Senhora,* em que a Igreja commemora a Maternidade divina de Maria, foi sempre em Roma solemnisada naquelle dia.

Eu bem sei e já disse que o dia 25 de março era a data propria para esta commemoração e tam-

---

[1] Esta divindade, originaria da Phrygia, era adorada em Roma desde a segunda guerra punica; a sua festa, porém, com o nome de *Hilaria,* começou no governo de Claudio e teve um exito progressivo nos seculos II e III. O culto da deusa Cybéle tambem se havia propagado d'um modo especial na Africa, sobretudo em Carthago, onde os gentios lhe chamavam *Caelestis Virgo Berecynthia Deûm Mater omnium. Berecyntho* era um castello da Phrygia. Cf. Marangoni, *Ob. cit.*, pag. 95.

bem sanctificação dos nove mezes da virginal gestação de Maria, que se encontram entre o dia 25 de março e o dia 25 de dezembro, e sobre os quaes esta festa projecta a graça da sua celebração; não repugna, porém, acreditar que a Igreja romana pretendesse egualmente substituir por uma festa christã uma festa pagã ainda não extincta na tradição do povo, doutrina que está em harmonia com os principios estabelecidos na primeira parte d'este estudo.

E a proposito, convém recordar não só que a Igreja de *Santa Maria Antiqua*, acima mencionada, foi erigida numa parte do palacio imperial, proximo da *Casa das Vestaes*, no Forum, para oppôr o culto da Virgem Maria ao de Vesta, [1] mas tambem que a

---

[1] O *Templo de Vesta* e a *Casa das Vestaes* ficavam proximos da *Regia* ou casa do soberano pontifice, e portanto do palacio do Imperador que, o habitava na qualidade de *summus pontifex*. O Templo de Vesta era o lar de Roma junto do qual o *pontifex maximus* era o *pater familias*, como o chefe de familia era o sacerdote do pequeno lar domestico. Como origem, este culto e uma grande parte do seu cerimonial relacionam-se com as tradições gregas; como ideia religiosa, era a generalisação do culto domestico em volta do lar da casa; como tradição, ascende provavelmente a essas epocas longinquas e prehistoricas, onde, por falta de meios aperfeiçoados, o homem tinha grande difficuldade em procurar o fogo.

As aldeias eram compostas de cabanas redondas; emquanto os homens estavam na caça ou na pesca e as mulheres nos seus trabalhos, as filhas entretinham o fogo na cabana, onde se vinha buscar á noite, na hora de preparar a refeição. D'ahi o templo redondo e as sacerdotizas virgens. Se o fogo de Vesta

Procissão das Candeias, annexa á festa da Purificação de Nossa Senhora, tambem chamada da Candelaria e onde todos são portadores de velas accesas, derivou da extincção das *Lupercaes* do Gentilismo, que em Roma se faziam a 14 de fevereiro em honra de *Pan-Liceu* ou *Luperco*, deus dos pastores e dos rebanhos. Nestas festas pagãs, extinctas em 496 pelo Papa Gelasio I, os sacerdotes e os moços percorriam a cidade, semi-nús, d'azorrague em punho, batendo naquelles que encontravam, sobretudo nas mulheres, porque as estereis acreditavam que a flagellação lupercal as tornava fecundas; depois, levando archotes accesos, dirigiam-se aos altares de Pan. [1]

Beda, chamado o Veneravel (673-735), fallando da *Procissão das Candeias*, diz que a Igreja *substituiu muito bem* aquelle modo de lustração ou purificação por uma solemnidade toda santa, renovando na mente dos fieis a viagem que a Mãe de Deus fez com o seu Filho de Bethléem para Jerusalem; e, pondo nas mãos dos christãos as velas accesas, quiz

---

se extinguia, só podia, recordação dos tempos prehistoricos, ser allumiado pela fricção de dois bocados de madeira d'uma arvore de feliz agouro, ou d'um vaso de bronze, onde se concentravam os raios solares, a fonte mais pura da luz. A extincção do fogo era um presagio funesto, e a Vestal culpada de negligencia era azorragada pelo *pontifex maximus*.

[1] Cf. Auber, cit. *Hist. et Théorie du Symbolisme religieux*, IV, pag. 186; e Martigny, cit. *Dict. des Antiquités Chrétiennes*, vb. *Fêtes immobiles*, pag. 268.

significar-lhes que, *assim como Simeão, devemos trazer nos braços Christo, que a vela designa gerado da abelha, pela acção Virginal, juntamente com o mel da Divindade.* [1]

Como aconteceu com o culto do fogo, talvez d'origem pre-historica, e de que encontramos sobrevivencias, como disse, nas fogueiras chamadas do S. João, e nas rodas de fogo queimadas nessas festas, assim tambem das festas romanas ou jogos *Floraes* (*Floralia*) em honra de Flora, deusa das flôres e dos fructos, e que duravam seis dias, os trez ultimos de abril e os trez primeiros de maio, nos ficou o costume de enfeitar as portas e janellas no 1.º de maio com ramos de giesta florida (*maias*); e a Igreja, para desarraigar os povos do paganismo e affeiçoá-los á Religião Christã, consagrou o mez de maio á Virgem Maria e mudou em festejos religiosos os folguedos pagãos, como havia feito com as festas do Sol.

No primeiro ou segundo domingo de maio, em algumas igrejas, nomeadamente na Cathedral de Braga, festeja-se a Virgem Santissima sob a invocação de *Nossa Senhora da Rosa,* e distribuem-se rosas ao clero e membros das confrarias, que se incorporam na respectiva procissão.

Para concluir esta parte do meu estudo, direi que a Igreja catholica celebra as festas da Nativida-

---

[1] Cf. Marangoni, *Ob. cit.*, pags. 99 e 100.

de[1] e da Assumpção de Nossa Senhora, respectivamente em 8 de setembro e 15 d'agosto, todavia não é possivel indicar nem mesmo por conjectura onde e como se chegou áquellas duas datas.

Estas festas, com as da Purificação e da Annunciação, são não só quatro festas fixas, isto é, ligadas a datas que não variam no anno liturgico, mas tambem as principaes e as mais antigas, embora a sua instituição regular pareça posterior ao Concilio de Epheso (431).

No officio chamado *Commum das festas da SS. Virgem* ha um *responso* extraído dos magnificos versos de Sedulio, escriptor do V seculo, o qual faz allusão á heresia nestoriana, condemnada por aquelle concilio: *Gaude Maria Virgo, cunctas haereses sola interemisti*... [2]

Realmente os orthodoxos oppuzeram aos nestorianos o termo *theotokon, Mãe de Deus*, que ficou sendo um symbolo; pois exprime que em Jesus Christo ha uma *só pessoa*, a pessoa do Verbo, que reuniu em si a natureza humana e a natureza divina, e não duas pessoas juxtapostas, como queriam os hereticos.

---

[1] A Igreja celebra apenas trez *nascimentos* propriamente ditos (sendo o dia natal dos sanctos o dia da sua morte), a saber: a Natividade de Maria, o Nascimento de S. João Baptista e o Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

[2] Este responso foi cantado em Roma na igreja do Pantheon, no começo do seculo VII, mas a sua composição ascende ao seculo V. Cf. Cabrol, *Ob. cit.*, pag. 283.

O termo *theotokon, Dei genitrix, Mãe de Deus*, equivalia pois, a uma profissão de fé que punha em desbarato os herejes.

III

As festas dos Santos

Dissemos no paragrapho anterior que o culto dos Santos derivou das proprias entranhas do Christianismo, de que é uma consequencia logica, pois foi o resultado da fé no Christo Mediador. Por isso não devemos extranhar os vestigios que delle se encontram nos seculos mais remotos.

O culto dos Santos não tem a sua origem nesses barrancos da superstição humana, mas aliás irradiou das regiões luminosas, onde brilha a divindade de Christo, que vive nos seus santos.

A historia está em perfeita harmonia com a razão theologica, pois o culto dos santos nasceu nos seculos reconhecidos como os do Christianismo mais puro.

No longo cortejo d'aquelles que seguem Christo, os Apostolos e os Martyres occupam o primeiro logar. Desde o anno 155 os fieis de Smyrna na carta, em que relatam o martyrio de S. Polycarpo, annunciam o desejo de celebrar o anniversario d'este martyr no proprio logar, onde repousa o seu corpo; e allusões identicas se encontram nas actas de S. Cypriano e S. Saturnino. Prudencio, no IV seculo, falla tambem

*

da missa celebrada no dia do anniversario dos Martyres, quer na basilica acima do tumulo, quer mesmo na crypta e sobre o tumulo. [1]

Encontram-se nos tumulos dos martyres notaveis das Catacumbas alguns *graffitos,* isto é, inscripções feitas a lapis ou a canivete por qualquer peregrino que viesse implorar o seu auxilio, como esta: «Ora por nós, porque sabemos que tu estás no Christo»; ou ainda: «Ora por teu pae, por tua mãe, por teus irmãos, por tua irmã»; e esta do cemiterio de Calixto: «Espiritos bemaventurados, lembrae-vos de Marciano e de todos os nossos irmãos»: ou ainda esta do cemiterio de Autun num tumulo do II ou III seculo:

«Ascandio, pae muito amado do meu coração,
E vós, muito doce mãe, e vós, meus irmãos,
Na paz do Salvador, lembrae-vos de Pectorio.»

Nos diptycos [2] da Missa, cujo uso é muito antigo, invocamos os *santos apostolos e martyres,* Pedro e Paulo, André, Thiago... João e Paulo, Cosme e

---

[1] A partir do III seculo a celebração dos anniversarios dos martyres tornou-se d'um uso universal. Estes anniversarios eram naturalmente festas locaes; cada igreja honrava os seus santos; todavia os mais celebres foram logo festejados fóra da sua patria, chegando alguns a ter uma veneração quasi ecumenica. Cf. Duchesne, *Ob. cit.* pag. 290.

[2] É facil reconhecer nos diptycos a origem dos *Mementos* do Canon da Missa, pois a identidade do objecto é manifesta.

Damião, Felicidade e Perpetua, Luzia, Ignez, Cecilia, etc. S. Cyrillo de Jerusalem, alludindo no IV seculo a este texto, diz: «A seguir fazemos menção d'aquelles que adormeceram, dos santos patriarchas, prophetas, apostolos, martyres, a fim de que Deus, pelas orações e intercessão delles, acceite a nossa prece.»

A primeira étape do culto dos Apostolos e dos Martyres foi sem duvida a sua inscripção nos diptycos da Missa, a Vigilia, e a Missa sobre o seu tumulo; a segunda seria aquella em que se compuzeram os officios e missas proprias dos Martyres, embora não possa determinar-se a epocha, sendo S. Lourenço e Santo Estevão os primeiros a gozar d'este privilegio.

Na liturgia, é claro, o culto dos Martyres, como taes, parece chronologicamente anterior a quaesquer outros santos, com excepção do culto local prestado a certos apostolos, como S. Pedro e S. Paulo em Roma, S. João em Epheso, S. Thiago, e talvez Santo André e S. Philippe.

Entre as festas dos Apostolos a mais notavel e antiga é a de S. Pedro e S. Paulo, a 29 de junho, pois está marcada no já citado *Calendario philocaliano,* cuja primeira edição parece ter sido publicada em 336, e a ultima em 354, acompanhada d'uma data consular, a de 258. Esta data de 258 póde determinar não só o anno em que os restos mortaes dos dois Apostolos foram trasladados do Vaticano e da via d'Ostia para a *Platonia*, na via Appia, a fim de serem aqui escondidos, porque a perseguição de Valeriano foi tão vio-

lenta, que confiscou os cemiterios da Igreja e impediu de celebrar nelles os anniversarios dos Martyres, mas tambem a origem da festa dos dois Apostolos a 29 de junho, [1] de modo que temos aqui não o *anniversario do martyrio* de um d'estes apostolos ou dos dois simultaneamente, mas aliás o da *trasladação* commum dos seus despojos mortaes para a *Platonia*, já referida. [2] No principio do IV seculo, quando foi redigido o Calendario romano, d'onde deriva o texto philocaliano, os dois Apostolos repousavam ainda neste logar. Foram transferidos mais tarde, no tempo de Constantino (✝ 337), para serem depositados nas Basilicas construidas por este Imperador em honra d'elles sobre os tumulos primitivos do Vaticano e da via d'Ostia. Esta segunda trasladação não trouxe mudança na data festival, sem duvida já introduzida nos habitos dos christãos de Roma.

O mesmo Calendario do anno 336 menciona a 22 de fevereiro, como já disse, uma festa denominada o *Natale Petri de Cathedra*, que tinha por objectivo solemnisar a inauguração do episcopado ou do apostolado de S. Pedro. A sua relação com a festa citada de 29 de junho era exactamente a mesma que existe entre os dois anniversarios *natalis* (sagração) e *depositionis* (funeral) dos bispos, anniversarios que os

---

[1] Uma tradição antiga fixa no mesmo dia, 29 de junho, a morte de S. Pedro e de S. Paulo. Cf. *Man. d'Arch. Chrétienne*, de Marucchi, pag. 10.

[2] Cf. Duchesne, *Ob. cit.*, pag. 283.

Papas costumavam celebrar desde a primeira metade do IV seculo.

A escolha do dia, porém, não tinha sido indicada por nenhuma tradição christã. O dia 22 de fevereiro era consagrado pelos antigos Romanos a uma festa muito popular, a dos defunctos de cada familia (**Feralia**) *Festa dos mortos*, em que se levava comida ás sepulturas.

A observancia d'esta festa e dos ritos que a acompanhavam eram considerados como incompativeis com a profissão da fé christã. Mas era difficilimo destruir habitos particularmente queridos e inveterados; d'ahi a instituição da festa christã de 22 de fevereiro. Esta festa interessava particularmente á igreja de Roma; todavia no seculo V já existia na Gallia, e diversas homilias, que affirmam a sua coincidencia com a festa pagã *Cara cognatio*, mostram tambem que a antiga refeição funebre de 22 de fevereiro era difficil de supprimir, pois no Occidente durou a sua pratica até ao seculo XII. Além disso esta festa do *Natale Petri de Cathedra* tinha uma outra coincidencia, cujos inconvenientes acabaram por se fazer sentir; caía muitas vezes na Quaresma, e nos paizes gallicanos [1] considerava-se a observancia quadregesimal incompativel com as solemnidades em honra dos santos; d'ahi a necessidade de antecipar a festa, que passou para o dia 18 de janeiro; mas, como a festa de

---

[1] *Conc. Tol.*, x, c. 1.

22 de fevereiro era antiga, o Martyrologio hieronymiano teve a ideia de conservar os dois anniversarios, e de attribuir este ultimo a Antiochia, cadeira que se considerava como tendo sido tambem occupada por S. Pedro.

Esta combinação a principio não fez fortuna. Na Gallia continuaram a celebrar exclusivamente a festa de 18 de janeiro e o mesmo se fez em Roma com a festa de 22 de fevereiro, pelo menos até ao seculo XVI. [1]

Uma terceira festa de S. Pedro celebrava-se ainda em Roma no primeiro dia d'agosto. Era a festa da *Dedicação da Igreja de S. Pedro ad Vincula* construida no «*Esquilinus Oppius*» [2] pela imperatriz Eudoxia (cêrca do anno 440) no logar onde já estava uma capella (*Memoria*) para commemorar o facto da comparencia de S. Pedro e S. Paulo, carregados de cadeias, deante do *Praefectus urbis*, que alli tinha tribunal e proferia sentenças de morte. A inscripção, que Sixto III (432-440) mandou collocar na fachada d'este Santuario ou Basilica, attesta que desde longos annos já existiam alli as *Cadeias de S. Pedro;* de modo que Eudoxia fez edificar a basilica, não dando, porém, as cadeias. [3]

---

[1] Antes da baixa Idade media (1217) não houve relação alguma entre o *Natale Cathedrae S. Petri* e o culto da reliquia venerada em Roma com o nome de Cadeira de S. Pedro. Cf. Duchesne, *Ob. cit.* pag. 280, *nota* 1.

[2] Esposa de Theodosio II, Imperador do Oriente.

[3] No Oriente ha festas em honra das Cadeias de S. Pedro

Como se vê, era uma festa particular de Roma destinada a commemorar a *Dedicação* da basilica do Esquilino; comtudo o primeiro d'agosto, *Calendas d'agosto*, sendo consagrado pelos antigos Romanos á festa da dedicação do templo de Marte celebrada com jogos e combates equestres; destruido, porém, o Gentilismo, é presumivel que fosse escolhido no intuito de transformar as alegrias profanas d'aquelle dia numa festa christã, conforme se lê no Breviario romano: [1] *Quo ex tempore honor, qui eo die profanis gentilium celebritatibus tribui solitus erat, Petri Vinculis haberi coepit.* [2]

Na Gallia e na Hespanha [3] observava-se outr'ora um jejum solemne por occasião das *Calendas de ja-*

---

ou da Libertação de S. Pedro (*Actos* XII); mas essas não derivam da festa romana que aqui estudamos.

[1] VI lição do Officio da Festa de S. Pedro *ad Vincula* no dia 1 d'agosto.

[2] Cf. *Conc. de Tours*, can. 17, an. 567; Santo Izidoro, *De off.*, I, 41; *Conc. Tol.*, IV, c. 10. O jejum durava seis dias, a saber: os trez ultimos dias do anno e os trez primeiros do seguinte. Este jejum foi mais tarde abrogado, e parece que substituido, como disse, pela festa da Circumcisão. Philastrio no IV seculo menciona um jejum da Epiphania, e no entretanto é possivel que na sua origem fosse aquelle acima referido. Cf. Duchesne, *Ob. cit.*, pag. 292.

[3] O carnaval começa em 6 de janeiro, dia da Epiphania, e termina na terça-feira, vespera da quarta-feira de Cinza; todavia vê-se que outr'ora principiava mais cedo, isto é, com o novo anno.

neiro, determinado com o fim de desviar os fieis das mascaradas e praticas pagãs d'aquella epocha do anno, velho uso gentilico, cujos vestigios se conservaram até nós. Nos tempos modernos, em que as festas e os divertimentos carnavalescos *(Saturnalia)* se transferiram principalmente para os trez ultimos dias que antecedem a Quaresma, [1] a Igreja catholica, no designio de impedir e reparar as desordens do carnaval, instituiu a solemnidade das *Quarenta horas,* pelo Papa Clemente VIII (1592-1605), a qual Paulo V confirmou em 1606.

Para concluir esta parte do meu modesto estudo, direi que se os nossos oratorios domesticos substituiram os *lararios* dos antigos Romanos, comtudo os *lares* não desappareceram sem deixar vestigios no nome da *Lareira,* no respeito ao *fogo* ou *lume* e no *loureiro* com que se enfeitam as cozinhas. [2]

IV

Ladainhas maiores e Ladainhas menores

As *litanias* são supplicas, rogações ou preces solemnes, instituidas para obter a protecção celeste sobre os bens da terra. Nesses *ladarios* ou rogações

---

[1] Em Roma a gente do povo ainda hoje observa o dia do *felice Agosto.*

[2] Cf. *Tradições Populares de Portugal,* pag. 33 e segg.

publicas appellamos da justiça de Deus para a sua misericordia, pela intercessão dos seus santos e amigos, a fim de que suspenda os seus flagellos, e nos conceda aquelles beneficios e mercês, que justamente lhe pedimos; por isso não devemos extranhar que neste ponto o Christianismo se tenha encontrado com os usos religiosos anteriores a elle. As mesmas necessidades, o mesmo temor de certos perigos, a mesma confiança no soccorro divino, inspiraram ritos muito semelhantes. Os antigos faziam essas rogativas na primavera, na estação dos gelos tardios, muito temidos dos lavradores.

O seu fundo era uma especie de *lustração* dos campos cultivados, em que a colheita futura dava as suas primeiras esperanças.

Para alli se dirigiam em procissão, cantando essa prece dialogada entre o clero e o povo, denominada *litania,* desenvolvida, segundo os casos, por uma longa série de invocações a Deus, aos Anjos e aos Santos.

Em Roma, o dia consagrado era o 25 de abril, data tradicional, em que os antigos Romanos celebravam a festa gentilica dos *Robigalia* [1] em honra de

---

[1] O rito principal d'esta festa era uma procissão que, saíndo da cidade pela porta Flaminia, seguia para a ponte Milvio, e se dirigia ao sanctuario ou luco da Robigine, situado na via Claudia. A procissão christã, que a substituiu, seguia o mesmo percurso até á ponte Milvio; mas d'aqui, em logar de ir pela via Claudia, dirigia-se ao Vaticano, onde terminava. Os leito-

Robigo ou *Robigine*, para que livrasse as searas da *ferrugem* e d'outras molestias que as costumam atacar; a Igreja quiz, escolhendo este dia da festa do evangelista S. Marcos para a Ladainha da primavera, que na Roma Christã se fizessem preces publicas a favor dos fructos da terra ao Deus verdadeiro, no mesmo dia em que as tradições da Roma pagã tinham instituido solemnes supplicas a uma falsa divindade. [1]

No anno 590 decretou o Papa S. Gregorio Magno uma Ladainha extraordinaria para afastar o flagello da peste bubonica, que foi debellado; e isto devia influir para tornar de então por deante mais concorrida a Ladainha annual de 25 d'abril. [2]

Na Gallia desde o fim do seculo V haviam adoptado para as *Ladainhas ou Rogações* os trez dias antes da Ascensão. Este uso foi introduzido em Vienna do Delphinado pelo bispo S. Mamerto (por 470) e o primeiro Concilio d'Orleães (511) ampliou-o a toda a Gallia. [3]

O Papa Leão III, cêrca do anno 800, perfilhou esta pratica, ficando desde então em Roma quatro dias de Ladainhas, que hoje ainda subsistem; a 25

---

res encontrarão a descripção da festa pagã dos *Robigalia* em Ovidio, *Fastos*, IV, mez de abril, e na traducção de Castilho, II, pag. 207-211.

[1] Cf. Duchesne, *Ob. cit.* pag. 296.

[2] Concilio d'Orleães, c. 27.

[3] Cf. Viterbo, *Elucidario*, vb. «Ladairo».

d'abril era a procissão mais solemne, a Ladainha principal **(Ladainhas maiores)**; nos outros trez dias, as Ladainhas secundarias **(Ladainhas menores)**.

É presumivel que á adopção d'esta duplicidade de Ladainhas em Roma não fossem tambem extranhas as **Ambarvalia** (*ambire arva*) dos antigos Romanos, isto é, as procissões, feitas trez vezes nos mezes de abril e de julho, ao redor dos campos, pedindo a Ceres que protegesse as searas e désse uma colheita abundante.

Vergilio descreve estas procissões nas *Georgicas*, livro I, verso 345 e seguintes.

De modo que este espirito de religião de fazer procissões rogando á divindade a sua protecção para as searas, a fim de se obter uma colheita farta, é expressado no Christianismo principalmente pelas *Ladainhas de maio;* nas aldeias do paiz sáem ainda hoje os parochos em procissão com o seu povo cantando a Ladainha de todos os Sanctos, repetindo trez vezes a invocação: *ut fructus terrae dare, et conservare digneris*, *te rogamus*, *audi nos.*

Terminando, direi que o mesmo imperioso motivo, que actuou na Igreja para instituir as *Ladainhas*, levou-a a tolerar as memorias ou quadros votivos collocados nos nossos templos, pela saude recuperada, ou outros beneficios obtidos por favor celeste. Os antigos Romanos faziam frequentemente votos aos deuses, e levavam-lhes *donaria;* ora, não só a palavra latina *votum* se conserva na portugueza *bôdo* (vôdo) na accepção de «promessa» a um Sancto, mas tambem

aiuda hoje subsiste a pratica de pôr nas igrejas «retabulos» ou paineis (milagres), e pendurar junto dos altares offerendas symbolicas. Aquelles *retabulos* são analogos ás *tabulae votivae*, de que falla Horacio, nos *Carmina*, I, 5; e Cicero, em a *Natura deorum*, III, 37, diz que na Samothracia havia muitas *tabulae pictae* representativas de cumprimentos de promessas feitas aos deuses por pessoas salvas de naufragios.

As *tabulae votivae* christãs conhecem-se desde a Idade media. N'um *Flos sanctorum*, dos principios do seculo XVI, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, a biographia de Santo Antão está acompanhada d'uma gravura, onde se representam varios ex-votos. Dos seculos XVII e XVIII então não faltam milagres em os nossos Sanctuarios e ermidas. [1]

V

Festa da Dedicação ou das Encenias

Os Pagãos e mesmo alguns Judeus pouco esclarecidos consideravam o seu deus como um sêr semelhante a elles, que os não excedia senão pelas suas qualidades eminentes, talvez sobrenaturaes, mas esse deus reinava no seu templo, que era a sua habitação e cujo dominio não ia mais longe. Os christãos, pelo

---

[1] Cf. *Religiões da Lusitania*, III, pag. 595; e *Historia do Muzeu Etnologico Portuguez*, pags. 28 e 29.

contrario, professam a crença de que Deus está em toda a parte, e de que não mora em templos feitos pela mão do homem.

Deus é immenso, infinito, ubiquo, omnipresente; portanto o universo seria ainda um templo demasiadamente pequeno para o conter. Assim, Santo Estevam e S. Paulo, [1] sendo ainda recente a instituição da Igreja, clamavam que Deus não estava circumscripto a logar algum, e que o céo era a sua morada.

Comtudo esta crença na ubiquidade de Deus não impediu os christãos de construirem igrejas, não para ahi encerrar Deus ou fazer dellas a sua habitação com exclusão dos outros logares, mas para ahi se reunirem, a fim de orar a Deus na caridade, e prestar-lhe um culto sincero e racional.

Esta casa da oração converte-se em casa de Deus, porque Deus alli manifesta o seu poder e a sua bondade mais que em outro logar; gosta de vêr ajuntar os seus filhos neste logar sanctificado e recolhido, póde dizer-se que aqui recebe melhor as suas orações.

Durante os trez primeiros seculos, em que os christãos viveram no Imperio romano numa atmosphera juridica hostil á liberdade das suas pessoas e á segurança dos seus bens, as igrejas eram casas ordinarias affectadas ao culto, ou antes ao conjuncto dos

---

[1] *Actos*, VII-18; e XVII, 24.

serviços da communidade christã.[1] As casas romanas prestavam-se perfeitamente para este uso. Compreendiam geralmente uma entrada sobre o caminho publico, um atrio cercado de porticos; na retaguarda outro pateo e uma sala fechada, casa de banho, quartos, adegas, celleiros, dependencias de todo o genero, dispostas em volta de pateos interiores. Precisamente o que era necessario para installar as diversas categorias de pessoas de que se compunham as reuniões christãs, catechumenos, fieis e penitentes, para alojar o bispo e os clerigos que o auxiliavam na sua administração, para archivar e guardar os documentos, livros e vasos sagrados, e para armazenar as alfaias e as provisões destinadas ao uso dos pobres e extrangeiros. Uma *domus ecclesiae* naquelles tempos remotos abrangia tudo isto, quer dizer, era simultaneamente igreja, curia episcopal, refeitorio, dispensario e hospicio. No entretanto o local especialmente affectado ao culto tomou logo um relevo especial; as outras partes do edificio pouco e pouco destacaram-se delle e não participavam do seu caracter sagrado. A *domus ecclesiae* veio a ser a *domus Dei*, o logar onde os christãos encontravam o Senhor, o *dominicum*.

---

[1] Nada auctorisa a suppôr que as igrejas christãs d'este periodo se distinguiam das construcções pagãs contemporaneas por caracteres originaes. Cf. cit. *Man. d'Arch. Chrét.*, de Leclercq, II, pag. 65.

Era natural, pois, que, sendo a inauguração d'esses edificios sagrados feita com uma solemnidade particular, não se procurasse logo a sua fórmula ou expressão.

Immediatamente depois da paz constantiniana (313) ha noticia de *dedicações d'igrejas* feitas com grande pompa.

Eusebio descreve a *dedicação* da igreja cathedral de Tyro em 314. Ainda não havia rito especial. Os bispos visinhos eram convocados, produzindo-se um numeroso concurso que realçava a primeira celebração dos santos mysterios; proferiam-se discursos solemnes, tão dignos de registo, que o proprio Eusebio inseriu, na sua *Historia Ecclesiastica*, aquelle que fez nesta occasião.

A festa da *Dedicação* das igrejas é, pois, muito antiga. A piedosa Peregrina de Jerusalem conta-nos que no IV seculo, na cidade santa, o anniversario da *Dedicação* das basilicas constantinianas fundadas sobre o Calvario e o Santo Sepulchro era uma festa, que se celebrava com um esplendor egual á da Paschoa e da Epiphania, e com oitava. Vinha alli assistir gente de muito longe; os monges da Mesopotamia, da Syria, Egypto, Thebaida e d'outras provincias abandonavam as suas solidões para se reunirem em Jerusalem; os bispos, em numero de quarenta ou cincoenta, concorriam alli pelo mesmo motivo. «Ninguem, accrescenta a narradora, se dispensava d'esta viagem sem causa grave, e os faltosos julgavam ter commet-

tido um peccado mortal.»[1] Esta dupla *Dedicação* fôra feita em 335 pelos bispos do concilio de Tyro que pronunciaram contra Santo Athanasio uma sentença de deposição, e porque o seu anniversario coincidia com o da Invenção da Santa Cruz,[2] por isso as duas festas celebravam-se com grande solemnidade no mesmo dia, que era o 14 de setembro, dia que pela Escriptura consta ser tambem aquelle em que Salomão terminou o Templo consagrado a Deus, e por isso esteve orando ante o altar do Senhor, como está escripto no capitulo VII do segundo livro dos *Paralipomenos*.

---

[1] *Cf. Peregrinatio cit.* Perderam-se as ultimas paginas do manuscripto, onde se continuava o relato d'esta festa.

[2] É geralmente sabido que nas excavações ordenadas por Santa Helena, mãe de Constantino Magno, em Jerusalem, encontrou-se e identificou-se o tumulo e a cruz do Salvador. É curioso que o historiador Eusebio, na sua *Vida de Constantino* (III, 26 sg.) relatando a descoberta do sepulchro nada diga ácerca da cruz; comtudo este silencio, embora extranhavel, não pode prevalecer contra os numerosos testemunhos *positivos* do IV e do V seculo. S. Cyrillo, palestiniano de origem e educado em Jerusalem, sendo ainda presbytero e tendo de edade 30 a 32 annos, nas suas *Catecheses*, feitas em 347, falla como d'um facto de notoriedade publica e num tom d'absoluta certeza da verdadeira cruz, que existe e se vê em Jerusalem, e dos fragmentos della destacados que enchem, diz elle, o mundo inteiro. Notem os leitores que S. Cyrillo fallava assim em Jerusalem e deante d'um auditorio que não podia ignorar a verdade sobre o ponto de que se tractava. Cf. Marion, *Hist. de l'Église*, I, pags. 325 e 326.

D'este modo os christãos do Oriente, como os Judeus, tiveram no mesmo dia a festa das *Encenias*, festa aliás d'origem hebraica, como vimos.

D'aqui resulta tambem que a festa da Cruz a 14 de setembro é, como a da *Apresentação* ou *Purificação,* uma festa d'origem palestiniana, introduzida em Roma sómente no seculo VII. [1] Quanto á data da festa da *Invenção da Santa Cruz*, que no Occidente se celebra a 3 de maio e que ascende tambem ao seculo VII, parece ter sido copiada da legenda da invenção da verdadeira Cruz, onde figura o personagem de Judas-Cyriaco. [2]

Concluindo, direi que o anniversario da *dedicação* das igrejas converteu-se em uma festa de primeira ordem para os fieis, e com tal importancia que é dotada d'uma oitava, como as maiores festas. O proprio Jesus Christo deu o exemplo indo assistir á festividade da *dedicação* do templo de Jerusalem, conforme se lê no Evangelho: [3] *Facta sunt Encaenia in Jerosolymis, et hiems erat, et ambulabat Jesus in templo in porticu Salomonis.* Que esta festa judaica devia durar oito dias, mostra-se pelo capitulo VIII, do 3.º *livro dos Reis.*

---

[1] *Liber pontificalis,* t. I, pag. 374.

[2] *Ibidem*, t. I, p. CVIII. Parece ainda que houve o intuito de approximar quanto possivel esta festa da da Paixão do Salvador e da da Adoração da Cruz em Sexta-feira santa; por isso fixou-se o primeiro dia livre depois da solemnidade da Paschoa, cuja oitava nunca póde ir além do dia 2 de maio.

[3] *S. João*, X-22.

*

No Breviario e no Missal encontra-se o officio e a missa propria para a *Dedicação da Igreja*, os quaes são uma obra liturgica vetusta que contém notas muito interessantes.

VI

Festa dos Mortos

O culto dos mortos é um facto tão universal na historia das religiões que póde ser considerado uma sobrevivencia da religião primitiva; [1] e a Igreja, que em muitos pontos não tem feito senão restaurar esta religião, depurá-la de toda a liga, e dar-lhe uma feição mais precisa, não podia, portanto, deixar de integrar este culto num amplo logar da sua liturgia.

Com aquelle tacto delicado e infallivel de que tantas vezes tem dado provas, a Igreja escolheu tudo o que convinha ao seu fim, afastou todas as praticas supersticiosas e agrupou todos os elementos de que dispunha para formar um todo harmonico; por isso a liturgia dos mortos é uma obra prima d'emoção sincera e de piedade communicativa.

Em presença d'um cadaver, onde todas as esperanças parecem partir-se, só a Igreja encontra pala-

---

[1] A historia das sepulturas entre nós póde seguir-se ininterruptamente desde os tempos pre-historicos até hoje. Vid. cit. *Historia do Museu Etnologico Portuguez*, pag. 65.

vras de verdadeira consolação e de confiança fundada na misericordia do supremo Juiz dos vivos e dos mortos.

A liturgia dos mortos comprehende:

1.º A festa dos mortos;

2.º A procissão e o officio;

3.º A missa dos mortos e o anniversario;

4.º A absolvição. [1]

A FESTA DOS MORTOS. — Esta festa, que se realisa a 2 de novembro, foi instituida pelo abbade benedictino de Cluny no seculo X, Santo Odilão (962 — 1048), como complemento da festa de *Todos os Santos* [2] celebrada no dia anterior.

---

[1] Cf. cit. *Le livre de la prière antique*, de Cabrol, pag. 453 e segs.

[2] Aggrippa, genro de Augusto, erigiu no anno 27 da éra christã em Roma o **Pantheon**, templo dedicado a todos os deuses do Paganismo, mas ainda especialmente a Venus e Marte, que por adulação se diziam antepassados do primeiro Imperador romano. Quando o Christianismo dominou na cidade de Roma o Pantheon fechou-se, como os demais templos dos falsos deuses No começo do seculo VII (608-614) o Papa Bonifacio IV obteve este edificio publico, e transformou-o numa igreja consagrada á Rainha do céo e a todos os Martyres. O anniversario d'esta *Dedicação* deu origem á festa solemne de Todos-os-Santos, que Gregorio IV (827-844) decretou para toda a Igreja Catholica no dia primeiro de novembro de cada anno, dia em que os Gentios celebravam uma festa em honra de todos os deuses, circumstancia que provavelmente determinou aquella escolha.

Era natural que depois dos santos da Igreja triumphante, se pensasse nos membros da Igreja padecente, que esperam no Purgatorio a expiação das suas faltas para entrarem no céo.

É certo que entre os Gregos como entre os Latinos existia já anteriormente uma festa destinada ás orações pelos mortos.

Havia em todos os casos se não uma festa dos mortos propriamente dita, ao menos orações geraes por todos os defunctos, e sobretudo por aquelles que eram abandonados. Assim, diz Santo Agostinho, [1] os defunctos, que não teem paes ou filhos que rezem por elles, teem as orações da Igreja, que se mostra a seu respeito uma boa mãe. [2]

PROCISSÃO E OFFICIO DOS MORTOS. — O christão, depois que exhalou o ultimo suspiro, entra num reino novo, o dos mortos, d'onde jámais ninguem volta. Um grande mysterio paira sobre esse leito, onde repousa o seu corpo sem vida; mesmo o incredulo mais obstinado não póde encarar o problema da morte sem uma secreta anciedade.

---

[1] De *cura pro mort*, c. VI.

[2] Assim a Const. *Quod expensis omnium* de 26 de agosto de 1748 concedida por Bento XIV, a pedido de D. João V, permitte a celebração de trez missas, no dia da *Commemoração dos fieis defunctos*, aos sacerdotes regulares e seculares em Portugal e dominios até ás duas horas depois do meio dia, devendo, porém, a segunda e terceira missa ser applicadas sem esmola pelas almas do Purgatorio em geral.

A Igreja, quando córca de respeito o cadaver, muitas vezes tão miseravel, que jaz sobre esse leito, é inspirada pela sua fé; pois sabe que a alma que dava vida a esse corpo compareceu deante do seu juiz; e o homem cala-se, porque a palavra pertence a Deus.

Mas, se aquella alma se salvou, voltará um dia a animar esse corpo que foi o companheiro da sua vida na terra e que trabalhou no serviço de Deus; e por isso tomará a sua fórma corporal, mas uma fórma embellezada, glorificada.

Esta materia, pela sua união com a alma elevada á dignidade da vida humana, entrará no céo e participará dos dons da immortalidade e da gloria. São estes os pensamentos que inspiram toda a liturgia dos mortos.

O corpo é lavado e preparado como para uma festa.

A Igreja organiza um cortejo para o conduzir em procissão, acompanhado do canto dos psalmos.

Lavar o corpo, embalsamá-lo, conduzi-lo ao tumulo, como um anjo, de quem a gente se separa, dar-lhe uma sepultura honrosa, todas estas praticas são d'uma alta antiguidade; eram já observadas pelos Hebreus. Os christãos adoptaram-nas.

O responso *Subvenite*, cantado neste acompanhamento ou saímento funebre, pertence á epocha primitiva, assim como tambem o proprio cortejo da casa do defuncto ao cemiterio é talvez o mais antigo exemplo d'uma procissão entre os christãos.

Cantavam-se psalmos, levavam-se cirios accesos, queimava-se incenso como hoje; ha mesmo exemplos de funeraes no tempo das perseguições, e assim o corpo de S. Cypriano foi conduzido com grande apparato do logar do supplicio até ao cemiterio christão; pois os pagãos, em virtude do respeito e das garantias de liberdade de que cercavam a morte, não se oppunham a estas demonstrações publicas.

Claro que as tochas ou archotes accesos dos enterros são d'origem pagã, [1] e o emprego do incenso nos funeraes é tambem d'uma alta antiguidade.

Collocado o corpo do defuncto na Igreja, recitam-se orações por alma delle.

---

[1] Cf. Marangoni, *Ob. cit.*, pag. 111. Os primeiros christãos, separando tudo o que nos ritos funerarios dos Gentios havia de supersticioso, não tiveram difficuldade em adoptar ou praticar aquelles que eram puramente civis e não offendiam a santidade da Religião catholica; d'ahi o uso das tochas accesas e outros ritos que se não encontram no Antigo Testamento. Vid. *Notiones Arch. Christ.*, Padre Syxto, vol. I, part. I, cap. IV, onde se tracta amplamente da analogia entre os ritos funerarios christãos e pagãos, a saber: *banquetes funebres*, *uso de lampadas e lumes*, *uso de flôres*, etc., etc.; do qual se vê que ha ritos e costumes communs a ambas as religiões, dictados pela propria natureza. Comtudo não póde affirmar-se em absoluto que os antigos christãos fossem isentos de toda ou de qualquer superstição, porquanto o espolio funerario encontrado em algumas sepulturas prova o contrario. Até os *magustos* que se fazem em dia de Todos-os-Santos á tarde, quando os sinos dobram pelos finados, são um resto, embora desfigurado, do culto dos mortos. Cf. cit. *Religiões da Lusit.*, III, pag. 598.

A oração pelos mortos é ainda aqui um costume anterior ao Christianismo e universal, conforme este texto dos Machabeus: *sancta ergo et salubris est cogitatio pro defunctis exorare ut a peccatis solvantur.* [1]

Depois das investigações archeologicas dos ultimos cincoenta annos, novas e numerosas provas do culto e orações pelos mortos vieram sobrepôr-se áquellas que já possuiamos.

O Officio dos defunctos que se recita nesta occasião é um dos mais antigos da liturgia romana e que muito se recommenda ao estudo dos archeologos e á meditação dos fieis; porque está composto segundo as melhores regras liturgicas da antiguidade. Delle póde dizer-se o mesmo que affirmamos dos trez dias da Semana santa; pois que manteve a sua physionomia antiga, sem lhe impôrem as addições das edades posteriores. [2]

A MISSA DOS DEFUNCTOS E OS ANNIVERSARIOS.— A missa é para o christão a oração por excellencia; é o grande sacrificio de propiciação; nella orava-se por todas as necessidades da Igreja e do genero humano, por todos os fieis; não se podiam, portanto, esquecer os mortos.

Nas *litanias,* no meio de todas as supplicas, havia tambem uma prece pelos mortos; comtudo tra-

---

[1] *Machab.*, XII-42.

[2] Assim não ha *Deus in adjutorium* no principio, não ha hymnos, não ha bençãos para as lições, etc.

ctou-se de compôr a missa especial pelos defunctos, a qual, pelos caracteres da sua factura, deve ascender ao IV seculo ou ainda á epocha precedente, [1] embora o *Dies irae*, uma das raras prosas ou sequencias conservadas na liturgia romana e obra prima no genero, seja d'uma edade posterior.

Realmente essa bella *Prosa dos mortos* é attribuida por uns a S. Bernardo, por outros a S. Boaventura, e emfim a Humberto de Romans, Geral dos Dominicos; mas ordinariamente dá-se-lhe por auctor o Cardeal **Malabranca,** fallecido em 1294.

Qualquer que fosse, porém, o grande genio, que nos legou esse poema tão vigoroso e tão terno e simultaneamente tão terrivel e tão humilde, seria ainda do seculo XIII, pois que S. Boaventura morreu no mesmo anno que Malabranca, e Humberto dois ou trez annos depois.

Essa melancholica expressão das tristezas da alma arrependida foi sempre considerada um prodigio tanto do pensamento christão como da musica symbolica, de que ella soube duplicar o seu valor; e constitue mais uma prova de que um estylo, cuja simplicidade não exclue a clareza das ideias, não as estorva de se elevarem até ao sublime, que não attingiriam, se dissimulassem sob fórmas rebuscadas a

---

[1] O *Offertorio*, curioso por muitos titulos, poderia ser uma reliquia, talvez antenicena, da *Oração dos fieis*, que desappareceu completamente da liturgia romana. Cf. Cabrol, *Ob. cit.*, pag. 466.

sombria austeridade dos seus funebres avisos. Alli pairam tambem, no meio de imagens fieis dos terrores do ultimo dia annunciado pela Verdade divina, as symbolicas figuras que a poesia christã entregou tantissimas vezes ao cinzel dos esculptores e á paleta dos pintores. Essa trombeta, de que falla S. Paulo, [1] de sons clamorosos, cujo maravilhoso echo despertará os tumulos de todos os povos, obrigando-os a comparecer deante de Deus; esse pavor subito da natureza interpellada e forçada a responder ao seu Creador; esse Livro aberto, onde apparecerão escriptos os numerosos motivos da severidade ou da misericordia do Juiz; esses bodes e essas ovelhas postos á esquerda ou á direita d'aquelle magistrado soberano; por ultimo essas chammas *acres* e penetrantes, de que o criminoso receia vêr-se atravessado, são outros tantos typos horrorosos, que traduzem integralmente as tremendas ameaças da justiça eterna. [2]

Uma nota particular da liturgia dos mortos é o anniversario. Novamente se celebrava a memoria dos defunctos por meio de orações ou sacrificios, quer no 3.º e 30.º dia depois da morte, quer no 7.º ou 40.º, e tambem um anno depois no dia do anniversario.

---

[1] I *Cor.*, XV, 52.

[2] Os editores do novo Missal de Paris na edição de 1735 substituiram na *Prosa dos mortos* a phrase «*Teste David cum Sibylla*» pelas palavras «*Crucis expandens vexilla*». Cf. Auber, *Ob. cit.*, IV, pag. 107.

Este costume attestado por escriptores do IV seculo e mesmo do III perpetuou-se até nós, e o Missal romano contém orações especiaes para o serviço do terceiro, septimo, trigesimo dia, e para o anniversario.

A ABSOLVIÇÃO. — Para o momento da separação ultima collocou-se no Rito romano uma nova cerimonia, que, pela escolha das fórmulas e pela belleza da composição, não é inferior aos mais interessantes officios da liturgia dos mortos.

O famoso responso *Libera me* vê-se pelo seu contexto que tem o mesmo caracter do *Dies irae*, e portanto pertence á mesma epocha, isto é, á Idade media. No *Libera me* percebe-se que a preoccupação principal em face da morte é a do juizo terrivel de Deus e do castigo preparado aos criminosos, e mesmo do fim do mundo e do juizo universal. Nos primeiros seculos, em que as desordens e os escandalos entre os christãos eram muito mais raros, a morte despertava em geral ideias menos terriveis. Pensava-se sobretudo no descanço para os queridos mortos, na paz, na luz eterna que ia brilhar para todos.

São estes os termos em que estão redigidos os epitaphios e as mais antigas fórmas liturgicas. Na Idade media, com temperamentos tão duros como os dos homens d'esse tempo, com caracteres levados aos excessos de todo o genero e ás paixões mais violentas, para actuar sobre essas almas e refrear esses instinctos, era necessario o medo do julgamento terrivel, do dia de colera, de vingança e de miseria, onde

todos os males seriam punidos, todas as injustiças compensadas, e os peccados expiados pelo fogo.

No acto do enterramento canta-se uma *antiphona* alegre *In paradisum*, que tem todas as caracteristicas da epocha primitiva.

Parece ouvir-se ainda o echo da voz dos christãos quando iam sepultar os seus mortos nos *loculi* das Catacumbas!

Depois o côro entôa o *Benedictus* com aquellas palavras de esperança eterna proferidas pelo Senhor a Martha e a Maria: *Ego sum resurrectio et vita...*

É o fim. Lança-se então a terra sobre o caixão, e colloca-se a pedra, que fecha a entrada da sepultura. Aqui começa para o cadaver uma vida nova, vida tenebrosa, humilhante, a vida do tumulo. A materia separada da alma que tinha feito brilhar aquelles olhos, fallar aquella lingua e palpitar aquelle coração, a materia abandonada regressa ao seu destino!

Comtudo a fé christã ensina-nos que, emquanto aquelle corpo soffre o castigo reservado a toda a carne, a sua alma póde gozar do descanço e da felicidade no seio de Deus.

CONCLUSÃO

Chegado ao termo d'este trabalho, que os competentes certamente se encarregarão de annotar e de aperfeiçoar, resta-me conclui-lo.

Expuz no decurso delle, com a maior isenção e imparcialidade e com os elementos de que dispunha, a origem historica das principaes festas christãs.

Não é um trabalho definitivo nem completo, [1] mas é aliás uma tentativa muito interessante, onde se, por um lado, a ausencia de documentos nos traz grandes decepções, por outro lado é um incitamento aos estudiosos para a exploração d'este ramo da Archeologia geralmente descurado entre nós.

Bem sei que não trago ao debate ideias novas; todavia dou conhecimento aos leitores d'esta *Collecção* do movimento scientifico que nesta ordem de estudos lá fóra se está operando, e que neste paiz apenas se encontra, que eu saiba, ligeiramente esboçado.

---

[1] Sobre a historia e significado das festas christãs póde consultar-se, entre outras obras, *L'Année liturgique* de Dom Guéranger, Abbade de Solesmes.

Tenho notado que alguns publicistas catholicos, aliás de grande renome, evitam propositadamente versar um certo numero de questões historicas. Não sei em que fundamentam os seus receios, visto que *só a verdade é grande, só a verdade prevalece.* [1]

Que importa que occultemos a verdade, se os outros, os adversarios, no-la virão dizer, mas então de que modo? O melhor será, pois, estudar as questões na sua origem, ir até onde os documentos authenticos nos levarem, e ter a franqueza de confessar abertamente a verdade, tanto mais que não a encontraremos em opposição com o dogma catholico, porque não ha verdades contra a Verdade.

Nem as lendas graciosas nem as pias fraudes podem resistir ao exame discreto d'um investigador consciencioso.

Nesta epocha de luz e de estudo, em que as sciencias historicas teem feito enormes progressos, não póde manter-se nas sciencias ecclesiasticas um caracter estatico e improgressivo.

Estou intimamente convencido de que os nossos theologos receberão com benevolencia este meu obscuro trabalho, porque o argumento da rapida propagação do Christianismo para apoiar a sua divindade não ficará nem menos forte nem mais apoucado; pois que, como se mostra pelo modesto estudo que aqui deixo feito, a maior parte das festas christãs são d'institui-

---

[1] *3 Esdras,* IV, 41.

ção posterior ao Edicto de Milão (an. 313), e portanto á victoria do Christianismo. De resto era humano e natural que o Christianismo, para se radicar e infiltrar profundamente na sociedade pagã e bater mesmo o Paganismo nos seus ultimos reductos, adoptasse alguns dos seus templos, substituisse algumas das suas festas, e lhe fizesse até algumas concessões de ordem liturgica ou cultual, que não affectassem o dogma e a moral nem os ritos essenciaes ou d'instituição divina. [1]

D'aqui, vêem os leitores, não se póde por modo algum concluir que o Christianismo se paganisasse, ou antes, que o Christianismo se fundisse com o Pa-

---

[1] Auber, na sua cit. *Hist. et Théorie du Symbolisme religieux*, III, pag. 210, diz:

«A agua benta é uma das concessões que a Igreja soube fazer, desde o principio, aos usos pagãos por ella sanctificados deixando-os subsistir no Oriente, onde as abluções tão necessarias como religiosas, desempenhavam um papel importante nos ritos sagrados. Os Judeus lavavam as mãos e a cabeça antes de transporem o limiar do Templo, e até antes das suas orações particulares; estas especies de purificações pareciam indispensaveis, e os christãos não foram privados dellas, de modo que o Occidente viu introduzir este mesmo costume em todas as suas igrejas.»

O mesmo Auber, *Ob. cit.*, II, pag. 509, diz que «no culto externo foram recebidos muitos ritos pagãos, quer para purificar o seu uso, quer para applicar á verdadeira religião o sentido mysterioso que os Gentios ligavam ao erro». E abona esta asserção com textos de Santo Agostinho e de S. Jeronymo, que transcreve.

ganismo no tempo de Constantino Magno; [1] na liturgia christã é necessario distinguir o *dogma*, a *moral* e o *culto,* e neste os ritos e praticas *essenciaes* e *accidentaes,* isto é, os ritos e praticas d'instituição divina e os ritos e praticas d'instituição meramente ecclesiastica. [2]

Claro que este trabalho não foi escripto com intuitos apologeticos, nem eu tenho aqui obrigação de responder ás accusações formuladas neste sentido contra o Catholicismo; a verdade ficou exposta claramente no texto, e ao leitor compete apreciá-la segundo o seu criterio sereno e sem preconceitos.

Não ha duvida de que o Edicto de Milão foi o inicio de uma revolução religiosa no IV seculo; mas esta revolução no Christianismo apenas se fez sentir na liturgia ou no culto pela maior amplitude dada ao cerimonial; o dogma e a moral permaneceram intactos. [3]

Que a moral de Jesus Christo ensinada pelo Evan-

---

[1] Vid. Draper, *Les conflits de la science et de la religion*, pag. 33 e segg. e a *Contestacion á la historia del conflicto entre la religion y la ciencia*, por Fr. Tomás Camara, Coadjutor do Arcebispo de Toledo, pags. 56 e segg.

[2] Claro que no Christianismo ha, como disse, ritos e praticas d'instituição divina, porque a questão de saber de que maneira o homem deve adorar a Deus não póde ser resolvida pelo homem. Só Deus é o juiz do seu proprio culto.

[3] D'este modo póde dizer-se que o Christianismo fundiu num só todo indivisivel essa soberana trilogia da Belleza, da Verdade e do Bem; a primeira no seu culto, a segunda nos seus dogmas e a terceira na sua moral.

gelho é inteiramente diversa da do Paganismo, creio que ninguem ousará discuti-lo; e quanto ao conjuncto dos dogmas, por estarem expressos no *Symbolo*, póde facilmente verificar-se a sua inalterabilidade através dos seculos, demonstrando assim a identidade e uniformidade da fé christã.

Desde a mais alta antiguidade motivos especiaes obrigaram os Bispos a compendiar em algumas maximas curtas e simples a doutrina christã: por um lado a necessidade de dar aos novos christãos recebidos na Igreja uma fórmula, onde estivessem condensadas todas as verdades a crêr; por outro era ainda preciso repellir os erros dos hereticos e prestar aos fieis um meio facil de contraprovar os ensinamentos que ouviam expôr.

Santo Ireneu no II seculo († 202 ou 203), que se encontra na Gallia em face das seitas gnosticas oppõe-lhes um symbolo que se chama a «*regra de fé inalteravel que todo o homem recebe no baptismo*».

Pouco mais ou menos na mesma epocha, na outra extremidade do mundo então conhecido, na igreja d'Alexandria, vivia Origenes († 254 ou 255), um philosopho e um doutor; num tractado, onde procurava resumir e reduzir a systema todas as verdades dogmaticas, dá-nos uma regra de fé que não differe da de Santo Ireneu. A sua obra dos *Principios* é uma obra de grande alcance, incompleta sem duvida em muitos pontos, mas que revela a largueza de vistas, a audacia e a força synthetica do mais brilhante genio e do escriptor mais profundo que a

Igreja até então tinha conhecido. Embora por diverso motivo, Origenes e Ireneu sentem a necessidade de mostrar que a doutrina que elles ensinam não é uma phantasia do espirito, um systema philosophico qualquer, mas aliás uma doutrina d'origem apostolica que os Apostolos receberam de Jesus Christo e ensinaram, e que elles proprios acceitaram na sua integridade.

Um contemporaneo d'Origenes, d'um talento menos vasto e menos fecundo, mas superior a elle como philosopho e talvez como pensador, seguramente como escriptor, d'uma profundidade de pensamento, d'um poder de colorido verdadeiramente extraordinario, d'um vigor de phrase até ao naturalismo ultra arrojado, Tertulliano (✝ 216 ou 220), em Africa, esteve em lucta com opiniões divergentes, e para deter a marcha das divagações dos hereticos oppoz-lhes tambem a *Regula fidei.*

De modo que Ireneu na Gallia, Origenes no Egypto, e Tertulliano na Africa, são por assim dizer os trez pontos d'um triangulo que encerra pouco mais ou menos nesta epoca o mundo conhecido. Essas trez regras de fé, embora variem na sua expressão, no fundo são identicas e exprimem os principaes artigos da fé, sobretudo aquelles que foram ameaçados pelos hereticos.

Além dos textos que acabamos de citar existia uma profissão de fé, ou symbolo, chamado *Symbolo dos Apostolos*, porque se attribuia a sua composição aos proprios Apostolos. D'este Symbolo ha cinco fór-

mas ou versões que differem por variantes de pouca importancia: a fórma de Jerusalem, de Cesareia, d'Antiochia, de Alexandria, e de Roma, as cinco grandes igrejas do mundo. A fórma romana, entre nós geralmente conhecida, corre em toda a Igreja Catholica; e os proprios protestantes confessam que ella é a mais antiga e a mais pura. Todos os artigos do *Symbolo dos Apostolos* se encontram em substancia nos mencionados textos de Ireneu, Origenes e Tertulliano. Estão mesmo disseminados sob uma fórma pouco differente nos escriptos de S. Paulo e dos outros escriptores do Novo Testamento. Os criticos estabeleceram historicamente a alta antiguidade de todos os artigos do *Symbolo dos Apostolos* e seguiram o seu desenvolvimento através dos seculos.

Demais: o *Symbolo dos Apostolos* teve na liturgia christã um logar de destaque como o *Pater*. Quem queria receber o Baptismo devia aprender esta fórmula e recitá-la. Algumas semanas antes do Baptismo, geralmente depois da terceira semana da Quaresma, os catechumenos eram reunidos, a fim de lhes ser entregue o *Symbolo* com a explicação de cada um dos seus artigos; dias depois os catechumenos deviam recitá-lo. Muitos tractados dos Santos Padres, que possuimos ainda hoje, são apenas a explicação de cada um dos artigos do Symbolo para uso dos catechumenos. Durante a cerimonia do Baptismo o catechumeno devia affirmar que acceitava todos os artigos d'esta fórmula.

Ficava, pois, bem assente que o christão, rece-

bendo o Baptismo, se comprommettia a guardar fielmente a *regra de fé*, e não abandonar nenhum dos seus artigos. Era o seu symbolo, o signal da sua fé.

Terminando, direi que, se o Symbolo dos Apostolos contém a confissão da fé christã professada desde os primeiros seculos até hoje, sem mudança nem alteração alguma quanto á substancia, conclue-se sem esforço que nós acreditamos actualmente os mesmos dogmas e as mesmas verdades, que a Igreja Catholica sempre acreditou e ensinou: e em apoio eloquente d'esta affirmação ergue-se a Archeologia Christã para fornecer o melhor documento historico das antigas crenças, gravadas pelos primeiros christãos nas pedras das suas sepulturas. Dellas resulta patente que a doutrina christã em nada se alterou. Ainda que os homens não acclamassem Deus, diz o Evangelho, [1] as pedras o bemdiriam! E, na verdade, assim acontece neste caso como nos demais: accusava-se a Igreja no que mais podia feri-la, de haver transformado a sua doutrina; mentia-se descaradamente e sem vergonha; as pedras levantaram-se então a protestar contra a impiedade dos homens. [2]

Villa do Conde, maio-agosto de 1916.

---

[1] S. *Lucas*, XIX, 40.

[2] Vid. a monumental obra já citada *Notiones Arch. Christ.*, do Padre Syxto, e outras congeneres.

AGRADECIMENTO

Ao Exmo Senhor Dr. Domingos Ramos, meritissimo Juiz de Direito nesta comarca e distincto cultor das lettras patrias, agradeço muito reconhecido a sua amavel e intelligente coadjuvação na revisão das provas typographicas d'este despretencioso estudo. Egualmente agradeço commovido ao Exmo Senhor Doutor Mendes dos Remedios, a quem já me referi em nota, bem como aos Ex.^mos Senhores Dr. Elias Luiz d'Aguiar, d'esta Villa do Conde, e Antonio Martinho Fiuza da Silva, da Povoa de Varzim, a habitual franqueza e captivante generosidade com que sempre põem á minha disposição os seus magnificos livros.

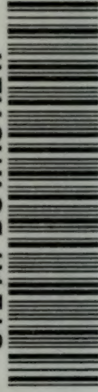
Villa do Conde, 1-X-916.

José Augusto Ferreira.

INDICE

37 — **Auctoridade do texto do Novo Testamento,** por Micallef Pace.
38 — **Collectivismo e communismo,** por A. Toussaint.
39 — **A Maçonaria**, por Zuzarte de Mendonça.
40 — **Principios de economia social,** por H. du Mérac.
41 — **Apologetica popular,** por André Godard.
42 — **A Doutrina positivista,** pelo P.e Senna Freitas.
43 — **A Evolução e a religião,** por Carlo Savio.
44 — **O Pessimismo contemporaneo,** por C. Mano.
45 — **Architectura christã,** por Gomes dos Santos.
46 — **O Socialismo e a propriedade,** por Gabriel Ardant.
47 — **Philosophia da Oração,** por I. L. Gondal.
48 — **As Escolas de moral**, por J. Brugerette.
49 — **A Educação Christã da Democracia,** por Ch. Ca-ippe.
50 — **O Regimen corporativo,** por G. de Pascal.
51 — **Problemas de legislação social,** por G. dos Santos.
52 — **Historia critica dos Evangelhos**, por J. Corluy.
53 — **A Doutrina Nacionalista,** por Jacinto Candido.
54 — **Questões da hora presente**, por Gomes dos Santos.
55 — **O Livre pensamento**, por A. Canet.
56 — **Evolução, progresso e liberdade,** por Pierre Vallet.
57 — **A Vida futura,** por A. Laxenaire.
58 — **O Milagre,** por E. Coste.
59 — **Unidade da especie humana,** por M. de Nadaillac.
60 — **Necessidade scientifica da existencia de Deus** or Pierre Courbet.
61 — **Um santo no seculo XIX,** por * * *.
62 — **A Ruina doutrinal do protestantismo**, por Tonning Baltus.
63 — **Provas scientificas da existencia de Deus,** por oulin e Loutil.
64 — **A Magistrátura judicial da Igreja,** por Micalef ice.
65 — **A Theoria philosophica do imposto**, por Domet de orges.
66 — **A Apologia da Egreja Catholica**, por E. Mahon de onaghan.
67 — **Os motivos de esperança,** por Fernando Brunetière.
68 — **O Materialismo e a arte musical,** por Th. Ortolan.
69 — **Caminhando,** por Gomes dos Santos.
70 — **As theorias modernas da criminalidade,** pelo dr. lassus.
71 — **Causas efficientes e causas finaes,** por G. Tuccimei.
72 — **Os heroes da fé,** por Micalef Pace.
73 — **Archeologia christã,** por mgr. Ferreira.
74 — **Catholicos e socialistas,** por Etienne Lamy.
75 — **Os Evangelhos e a Pessoa de Jesus Christo**, pelo Sousa Gomez.
76 — **Origens do christianismo na peninsula hispanica,** M[illegible]senhor Ferreira.
77 — **Intellectualismo e catholicismo,** por Albert Sueur.

78 — **A Egreja e o Estado**, por Arthur Bivar.
79 — **A Agonia do paganismo**, por Micalef Pace.
80 — **A Egreja e o Estado nos quatro primeiros** los, por mgr. Ferreira. — Este volume é a continuaçao do a pto versado no n.º 73 da nossa Collecçao.
81 — **O Marquez de Pombal**, por Zuzarte de Mendon
82 — **O Processo de Jesus Cristo**, pelos P.es Chauvin mann.
83 — **Necessidade da Religião**, pelo abbade Guy
84 — **O que o Cristianismo fez pela mulher**, por G de Azambuja.
85 — **O Poente da Vida**, por Vasconcellos Veiga.
86 — **Origens da incredulidade**, Guyot.
87 — **Sociabilidade natural do homem**, pelo P.e cisco J. Netto.
88 — **A Abstenção religiosa**, por Planeix.
89 — **A Maçonaria na Europa**, por Henri Hello.
90—**A tolerância religiosa**, por Vacandard. Neste peq volume define-se e exemplifica-se, duma maneira clara e imp a tolerância religiosa, expressão de que tanto se tem abusad bretudo nos últimos tempos, e estabelece-se a verdadeira dou de harmonia com o espirito da Igreja e da Tradição.
91—**A liberdade de ensino**, de A. Laurent. Neste resum tórico apresenta o autor um lúcido relatório das lutas travad França para a consecussão da liberdade de ensino, consigna célebre lei Falloux, e o espírito sectário que presidiu abrogação, em 1903, pelo gabinete Combes. Os argumentos parte a parte se empregaram são de tam palpitante actualidad retratam ao vivo a sociedade do nosso tempo.
92.—**As religiões não cristãs**, de Hettinger, é um su cioso resumo do vasto quadro das religiões que não profess princípios do Cristianismo, e onde o seu autor estabelece sante, ainda que rápido, paralelo com as doutrinas da verd velada.
93.—**Casamento civil e divorcio** (dois elementos de social), versão de Zuzarte de Mendonça.
94 — **A existencia historica de Jesus e o raciona contemporâneo** por L. Fillion; é um resumido volume e se ventila com toda a proficiência e vigor scientifico êste problema em torno do qual tam acesas disputas se tem leva sôbretudo nos tempos actuais de impiedade e revolta. O seu faz nele avultar duma maneira brilhante a existência real da doce e amorosa de Jesus de Nazaré.
95—**O Centro de Unidade na Igreja Cristã** por A. (Adaptação de Micalef Pace).
96—**A consciência perante uma lei injusta** por A Belanger. (Tradução de Zuzarte de Mendonça).
97—**Archeologia liturgica** pelo conego J. Augusto F


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 06 02 08 004 2